



VENCEDOR NA CATEGORIA  
CONTOS E CRÔNICAS

# AUTOCOMBUSTÃO HUMANA

JÚLIO  
MACHADO



 EDUFES



VENCEDOR NA CATEGORIA  
CONTOS E CRÔNICAS

# AUTOCOMBUSTÃO HUMANA

JÚLIO  
MACHADO

 **EDUFES**  
Vitória, 2024



**Universidade Federal  
do Espírito Santo**



**EDUFES**  
EDITORA

**Editora Universitária – Edufes**

Filiada à Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias (Abetu)

Av. Fernando Ferrari, 514  
Campus de Goiabeiras  
Vitória – ES · Brasil  
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852  
edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor**

Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro

**Vice-reitora**

Sonia Lopes Victor

**Chefe de Gabinete**

Ana Paula Santana de Vasconcellos Bittencourt

**Diretor da Edufes**

Wilberth Salgueiro

**Conselho Editorial**

Ananias Francisco Dias Junior, Eliana Zandonade,  
Eneida Maria Souza Mendonça, Fátima Maria  
Silva, Gleice Pereira, Graziela Baptista Vidaurre,  
José André Lourenço, Marcelo Eduardo Vieira  
Segatto, Margarete Sacht Góes, Othon Souto  
Campos, Rogério Borges de Oliveira, Rosana  
Suemi Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte

**Secretaria do Conselho Editorial**

Douglas Salomão

**Administrativo**

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

**Seção de Edição e Revisão de Textos**

Fernanda Scopel, George Vianna,  
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

**Seção de Design**

Juliana Braga, Samira Bolonha Gomes,  
Willi Piske Junior

**Seção de Livraria e Comercialização**

Adriani Raimondi, Ana Paula Rubim,  
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,  
Maria Augusta Postinghel

**Produção cultural**

Déborah Pinto Corrêa



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

#### **Preparação de texto**

Roberta Estefânia Soares

#### **Capa**

Willi Piske Junior

#### **Projeto gráfico e diagramação**

Samira Bolonha Gomes

#### **Revisão de texto**

Fernanda Scopel

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P324a

Paula, Júlio Cesar Machado de.

Autocombustão humana [recurso eletrônico] / Júlio Cesar Machado de Paula. Dados eletrônico. - Vitória, ES : EDUFES, 2024. 102 p. ; 21 cm. - (5º Prêmio Ufes de Literatura ; 1)

ISBN: 978-85-7772-589-2

Acesso em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Contos. 2. Crônicas. I. Título. II. Série.

CDU:821.134.3(81)-93

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

Esta obra foi composta com as famílias tipográficas  
Crimson Text e Josefin Sans.

# Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Edufes deseja colaborar com tal gesto realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quinta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreados ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do V Prêmio Ufes de Literatura.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades, com dezenas de originais inscritos nas seis categorias: Contos e crônicas, Dramaturgia, Literatura infantil, Literatura juvenil, Poesia e Romance. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da literatura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil, além de muitas inscrições vindas de vários países do mundo. Outro dado relevante nos diz que enviaram originais escritores muito jovens e outros muito experientes, sinal de que a literatura se parece com aquela quadra de João Cabral em “Menino de engenho”, de *A escola das facas*: “Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se.” – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos,

isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio deste porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora Universitária, decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Em tempos de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

*Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro (Reitor – 2024-2028)*

*Sonia Lopes Victor (Vice-reitora – 2024-2028)*

*Paulo Sergio de Paula Vargas (Reitor – 2020-2024)*

*Roney Pignaton da Silva (Vice-reitor – 2020-2024)*

*Wilberth Salgueiro (Diretor da Edufes)*



# Comissões

## **Comissão organizadora (Edufes)**

Fernanda Scopel Falcão

Roberta Estefânia Soares

Washington Romão dos Santos

Willi Piske Junior

## **Comissão julgadora da modalidade Contos e/ou crônicas**

Junia Claudia Zaidan (Ufes)

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)

Paulo Roberto de Souza Dutra (UNM/USA)

## **Comissão julgadora da modalidade Dramaturgia**

Geraldo Ramos Pontes Junior (Uerj)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)

### **Comissão julgadora da modalidade Literatura infantil**

Gabriela Rodella (UFSB)

Maria Fernanda Oliveira (UFRJ)

Paulo Roberto Sodré (Ufes)

### **Comissão julgadora da modalidade Literatura juvenil**

Benedito Antunes (Unesp)

Fabiane Verardi (UPF)

Vitor Cei Santos (Ufes)

### **Comissão julgadora da modalidade Poesia**

Raimundo Carvalho (Ufes)

Susana Souto Silva (Ufal)

Tatiana Pequeno (UFF)

### **Comissão julgadora da modalidade Romance**

Augusto Sarmiento-Pantoja (UFPA)

Fabíola Padilha (Ufes)

Leonardo Davino (Uerj)

# Premiados

## **Volume I · Contos e/ou crônicas**

*Autocombustão humana*, de Júlio Cesar Machado de Paula (RJ)

## **Volume II · Literatura infantil**

*O bem-te-vi que mal me viu*, de José Carlos Aragão (MG)

## **Volume III · Literatura juvenil**

*De volta a 1984*, de Gustavo Bernardo Galvão Krause (RJ)

## **Volume IV · Poesia**

*Daqui, declamo*, de Ezequiel Pereira de Sales (CE)

## **Volume V · Romance**

*Ai de ti, Camburi*, de Andréia Delmaschio (ES)



[...] — inborn, inbred, engendered in the corrupted  
humours of the vicious body itself, and that only  
— spontaneous combustion, and none other of all  
the deaths that can be died.

Charles Dickens, *Bleak House*

(Bradbury & Evans, 1852)

[...] — inata, imanente, engendrada nos humores  
corruptos do próprio corpo vicioso e somente deste.  
— combustão espontânea, e nenhuma outra de todas  
as mortes de que se pode morrer.

Charles Dickens, *A casa soturna*

(Nova Fronteira, 1986, tradução de Oscar Mendes)



## SUMÁRIO

---

AUTOCOMBUSTÃO HUMANA . . . . .	.17
CUBA LIBRE . . . . .	.25
PIRÂMIDE OLFATIVA . . . . .	.31
ENTRE ELES . . . . .	.43
A QUINTA, A SEXTA, A SÉTIMA TROMBETA . . . . .	.59
LINDOVINA . . . . .	.67
MORCEGOS NÃO GUINCHAM . . . . .	.77
UM ANJINHO LAICO! . . . . .	.81
STROKE, STRIKE . . . . .	.87



## AUTOCOMBUSTÃO HUMANA

---

Sim, lembro bem, nosso primeiro encontro, como poderia esquecer? Um mero acaso, sessões desencontradas no CineSesc, uma chuva repentina na saída, dois copos e dois corpos, os nossos, obrigados e abrigados naquela padaria imunda da rua Augusta. Você, faminto a ponto de esquecer o nojo que o balconista nordestino lhe causava, foi mordiscando seu pão na chapa da casca ao miolo, metódico, como sempre, e eu, com fome, sem dinheiro e esperando que você me oferecesse um pão igual ao seu, deixei-me levar pela história sensacionalista que a televisão nos cuspiu em alto volume.

O homúnculo, quase um gabiru, como o definiu o repórter, estava em seu casebre de barro ouvindo rádio (Roberto Carlos ou jogo do Flamengo, as testemunhas divergiam nesse ponto), sentado em uma poltrona de couro de bode, quando seu corpo ardeu de dentro pra fora sem que fagulha alguma lhe tivesse atizado as entranhas. “Ardeu”. Lembro-me bem desse verbo e do tom entre solene e apocalíptico com que o repórter buscava ampliar a importância fantasmagórica do fato, raro, é verdade, mas não inédito. Os mais velhos se lembravam de algo parecido em Guarabira ou Quixadá, conforme o informante fosse paraibano ou cearense. De qualquer forma, unânimes todos em afirmar que o fenômeno, obra do cão, se dera antes das chuvas, quando já não se via água nem no intestino dos cactos.

E você, então, com esse seu vezo de engenheiro formado no ITA, leitor de Dawkins e decifrador de crendices, insistindo em me

explicar que a autocombustão humana era impossível, um engodo próprio desses programas sensacionalistas feitos pra mentes fracas e impressionáveis como a minha, não perdeu a chance de me colocar no meu devido e parvo lugar. É certo que sua expectativa de sexo logo na primeira noite o impedia de fazer isso diretamente, eu é que o deduzi (quem diria?), iniciando já um processo de desmentido. Mentes fracas deduzem pouco, quase nada e, se impressionáveis, deduzem, quando muito, que a autocombustão humana é um fenômeno impressionante e raro, muito mais raro, como você acabaria descobrindo, do que o sexo no primeiro encontro.

E você, agora, bufando atrás dessa fila infinita de caminhões de carvão, xingando os motoristas de baianada e lembrando-se desse nosso início torto por ler em cada traseira a mesma advertência: *Mantenha distância: risco de autocombustão*; você, lembrando-me de que também nós não passamos de um aglomerado de carbono, mas nem por isso podemos arder do nada, como um saco de carvão ao sol; você, lembrando-se de tudo com o mesmo vezo de engenheiro formado no ITA, leitor de Dawkins e criador de uma imitação grosseira daquela poltrona feia que o arquiteto dinamarquês de nome impronunciável projetou pra bunda deles; você, irritado menos com a minha crença na possibilidade da autocombustão humana do que com a sua própria incapacidade de me convencer do contrário; você, insistindo em me dizer que esse povo mal tem tamborete de três pernas, feito pra não bambejar, porque são burros, mas têm uma intuição primitiva da geometria, sim, eles sabem que três pontos não podem formar senão um único plano e por isso um tamborete de três pés nunca fica bambo; pois essas bestas mal têm uma banqueteta dessas e esse tinha logo uma poltrona de couro de bode em que ardeu e fedeu, antes ele do que eu, porque eles fedem, tenha a santa paciência! Você.

Sim, você entendia de poltronas, vangloriava-se por ter exposto a sua no Museu da Casa Brasileira e por ter ganhado uma menção honrosa na categoria “Designer Emergente” do prêmio daquela fundação de nome ítalo-judaico cujo presidente fugiu com a amante pras

Bahamas. É verdade que o qualificativo “emergente” lhe causou certo incômodo por soar como algo indiano, terceiro-mundista, algo mais adocicado que o espumante nacional servido no *vernissage*. Sim, um incômodo, mas lhe valeu uma foto sem jabá na coluna da Mônica Bergamo e o convite pra sair naquela coletânea descolada da Cosac Naify, a que lhe teria dado a devida e justa visibilidade se a bicha daquele editor mimado não tivesse ferrado com a editora, não é? Uma pena mesmo, um belo trabalho, uma poltrona-conceito (não foi assim que a definiram?), péssima pra se sentar, mas digna de ostentar um nome abstrato de três linhas e de significar mil coisas inacessíveis à massa amorfa dos leigos selváticos. A mim, inclusive, que continuo preferindo as de couro de bode, mesmo as banquetas de três pés, as que me confortam, as que me dão assento, a mim, a xucra, a comedora de farinha, a de estômago tão bruto que não perceberia a magnitude do feijão-conceito, caso existisse, nem as miríades abstratas do guandu catártico, o númen leguminoso que não mataria a augusta fome do mundo, mas purgaria os males da inanição com o delírio consolador da fruição estética, não é? Evoé!

Mas a culpa (sim, ainda há a culpa) é minha, não nego. Eu mesma inventei essa viagem, essa excursão redentora ao sertão dos meus, a que resgataria do lodo não só a sua parca humanidade, mas a sombra do nosso milésimo falhanço, essa palavra esdrúxula, essa máscara elegante do mau e velho fracasso. E mea-culpa sem meia-volta. As barrigudas já se apresentam, já o cerrado se fecha ainda mais anunciando os confins de Minas e os pórticos da Bahia, essa zona indefinida em que uma acaba sem que a outra tenha começado e onde a única verdade indiscutível parece ser o triunfo do eucalipto, que você louva como a salvação civilizatória desses ermos. E eu, eu mesma, que nunca segui seu conselho de ler o manual de microeconomia do Mankiw, mas que aprendi aos dezesseis anos a lição liberal e bruta de pagar aluguel a senhorios de mau hálito, eu, pra seu assombro, cuspo na sua cara a hipótese de que justamente a vantagem comparativa do eucalipto teria deflagrado um processo de Doença Holandesa (*Dutch Disease*,

*se faz favore!*) e de desindustrialização em Portugal, sem contar os incêndios, porque, por se tratar de uma árvore de corpo oleoso, traz dentro de si o combustível mesmo da sua morte pelo fogo. Tomou?

E você, o leitor de Dawkins, o engenheiro aeronáutico que responderia pelo conforto glúteo dos defensores aéreos da pátria, mas acabou mesmo desenhando assentos de privada (desculpe, de *toilette*) pra dondocas que leem aquela porcaria de livro sobre a cabana e suspiram antes do papel higiênico e dos lenços umedecidos (*ai, meu Deus, se isso for verdade estou frita e não é só aí embaixo...*); você, bufando pra me explicar que sim, pode ser, mas que Portugal sempre foi um feudo atrasado e que incêndios não vêm do nada, tem que ter uma porra de uma guimba de cigarro, um caco de vidro ao sol, um relâmpago, um raio ou o raio de alguém pra riscar um raio dum fósforo e purgar em fogo essa miserável Sodoma lusitana da qual herdamos os doces de ovos, a sífilis e a corrupção (*se faz favore* também!), e pare de ler essas bobagens do Bresser Pereira, que, depois de velho e brocha, virou comunista! Você.

É verdade, foi no Bresser que li tudo isso, mas nem só de teorias econômicas vive o homem. Posso ainda apelar ao que de humano e estético reste ainda aos olhos de um designer emergente, se já não submergiram dentro dos próprios bolsos. Não vê a pobreza estética da paisagem, a monotonia de traços que o eucalipto impõe a tudo e a todos, dos tons cinzentos das cascas à sempre mesma luz coada e recoada pelos troncos uniformes, paralelos, soldadescos, iguais, iguais, iguais? Iguais. Mas falo, apelo e, como sempre, meu arrependimento é tardio e não me impede de ouvir pela septuagésima sétima vez a sua constatação de que, de Minas, só o sul presta, porque de Sete Lagoas pra cima tudo vai virando África, uma África feia, de savanas inúteis, sem girafas, sem crocodilos, sem os *big five*, sem o consolo aristocrático dos safáris e dos *lodges* de diárias a dois mil dólares, e com um poviinho cada vez mais escuro, sim, é só ver aquela preta velha ali ao sol, recurvada sob o feixe de lenha, embora forte, a provar por  $A + B - C$  que o Euclides da Cunha era o cara e que o pobre do Lobato não

mistificou nada, nem a preguiça do jeca nem a agilidade das nanãs que trepam em paus de sebo como se fossem macacas de carvão. Não são?

De carvão. Vejo em seu rosto o riso cínico que prepara sua boca pra mais uma prédica. Pois é isso, é certo, está tudo certo, o sensacionalismo da TV, os avisos de precaução dos caminhoneiros, ainda que baianos, e eu, eu mesma, eu mesmíssima, com minha credence ancestral na cor da pele e na autocombustão humana. Mas que fique claro: apenas se aplicada a esse povinho que não passa de um arranjo casual de cadeias de carbono e, nesse caso, o arranjo mesmo do carvão. Está aí, é isso, o *Ecce homo*, mas *Homo carbunculus*, o único animal capaz de torrar de dentro pra fora só pra avacalhar de vez com o mito luminoso de Prometeu. E não me esquecesse: o diamante também não passa de carbono, mas num arranjo tão puro que seu ponto excelso de fusão quase toca os 5.000 Kelvin, sabe o que é isso? Ahn!?! 4.727 °C! A diferença entre os que ardem e os que mandam arder.

E eu, a carbúncula desarranjada, limito-me a fingir que não enxergo esse seu tique de tremer o canto da boca como se um pássaro do mal lhe fizesse cócegas e o instigasse a desemendar o que já era ruim, a reafirmar que era brincadeira, que essas pessoas não vão sair queimando de dentro pra fora, isso não acontece, mas que até seria bom, pela economia que teríamos caso a natureza se antecipasse aos homens e passasse a fazer cremação de graça, hein?, em hasta pública, e a prefeitura não tendo mais que pagar caixão pra indigente, porque pobre, se é pobre mesmo, pesa pro Estado até quando morre, e pesar pro Estado, você sabe, é pesar pra gente, pra quem trabalha, paga imposto, esse caralho todo, hein?

Sim, esse caralho todo e ainda ter os meus ouvidos sujos do seu desejo higiênico de também ser cremado pra não ter como vizinhos os noias encardidos do cemitério da Vila Formosa, porque o peso da terra e o fedor das flores baratas só valem a pena se o sujeito for pro *Père-Lachaise*, pro *Montparnasse*, pra *Recoleta*, pelo menos. E eu refletindo que sim, que assim mesmo deve ser, porque é injusto não satisfazer a última vontade dos mortos, especialmente dos que em vida fizeram por

merecer o conforto anatômico dos bancos de couro, ainda que couro falso, como o da SUV chinesa que você agora manobra com cuidado pra que nenhuma gota dessa lama imunda lhe macule a sacrossanta lateria. Sim, vamos parar nesse posto, nesse restaurantezinho infecto com borracharia embaixo e motel em cima, onde dormiremos numa cama de alvenaria, de preferência vestidos, pra não pegar nenhum chato, que, de doenças, já basta sua congênita queimação de estômago, vamos.

Sim, convém antes encher o tanque do carro, o galão de reserva e mais umas garrafas pet, por precaução. Não, não reparei que esse diesel não é S-10 nem aqui nem na China, como se vê, é óbvio, pelo alaranjado da cor, por esse tom escuro de urina velha ou uísque nacional, e não, não imagino o que possa estar misturado nele, além do enxofre. Mas fazer o quê? Não adianta, o jeito mesmo é rir do frentista vesgo e de sua dificuldade em acertar a boca da garrafa pet enquanto eu admito que foi uma sábia ideia comprar esse diesel extra, dada a inegável merda que são esses lugares (não são?), os postos ficando escassos, sem bandeira, só combustível batizado, e café expresso já ninguém sabe o que é há pelo menos 500 km. Pois sertão é isso, não é? Pois é. Ao menos fica livre da cafeína, não piora sua queimação de estômago, pode suportar melhor os minutos que ainda levarei pra dissolver o sal de frutas em uísque, como você prefere. Ainda bem que você, precavido, trouxe de São Paulo seu próprio *Jack Daniel's*, é mesmo um excelente companheiro, um cachorro engarrafado, muito melhor do que eu. Vocês poderiam mesmo conversar entre si se a língua materna dele não fosse esse misto de espanhol colonial e guarani jesuítico aprendido em Ciudad del Este. Não se preocupe, é nele e não nessa urina de cana que responde pelo nome de cachaça que misturarei seu antiácido. É, sal de frutas é uma expressão vulgar, já esqueci que ela existe e me concentro no que há de engraçado nisso, nessa queimação interna, nesse fogo digestivo nascido justamente no estômago de quem não acredita na autocombustão humana.

Deve ser por isso que rio enquanto tento adivinhar pelo translúcido do copo americano o que é efeito do vidro, o que é uísque, o que

é antiácido ou o que não é nada disso e vai, em pouco tempo, amolecer suas pernas, seu quadril, sua espinha, sua empáfia. É, o gosto deve estar estranho, o uísque deve ter amargado qui-nem-jiló pelo simples contato com esse copo vagabundo, sujo ainda de cachaça ordinária ou de algum resto mal lavado de requeijão. Mas bebe, aceita esse cálice de amargura enquanto eu rio, que o riso agora é meu, filho da minha vez, neto da minha dor.

Lamento apenas que você já não possa perceber que, se esse desejo de ser cremado nasceu de você mesmo, não deixa de ser um prenúncio de autocombustão humana, não? É, e assim ficamos todos bem, eu estou certa, você está certo e a humanidade, ainda que tarda, arderá numa apoteose de tochas nascidas de nossos próprios ventres. É por isso que rio, e mais ainda por ver sua careta contorcida, seu esforço vão de dar voz a essas ideias estúpidas que agora vão esbarrando, uma a uma, no molambo da sua língua paralítica, não é? Evoé, Augusto!

Mas me cabia a essa altura reconhecer que a autocombustão humana poderia de fato não passar de uma falácia vendida a preço baixo, mais baixo que o da cachaça ordinária ou o do uísque nacional. Ou, o que daria na mesma, ser uma verdade tão tarda quanto a redenção da humanidade pelo fogo fátuo, pelo diesel batizado ou pelo uísque repleto de sal de frutas e sonífero. Veja o seu caso, por exemplo. Depois de lhe encharcar o corpo de urina e óleo diesel, esperei em vão pelo raio de um raio, de um relâmpago, de um caco de vidro ao sol ou de uma guimba de cigarro e, ao que parece, nenhuma fagulha interna fez questão de incendiar as suas tripas. Não, eu não podia esperar mais porque o tempo nos mata quando não o matamos. Foi com uma avó carbúncula que aprendi isso, a mesma que me ensinou que aos mortos, mesmo porcos, não se lhes nega o último desejo. O seu era ser cremado, pois não? Pois sim. Pois saiba, então, já sem poder saber, que foi em honra dela que risquei o raio desse fósforo, sem cerimônia, sem pejo, sem medo. Até onde posso saber, os delegados do sertão não são leitores de Dawkins.



— E então, bebe o quê?

— O de sempre.

— Garçon! Uma cuba-libre!

— Uma não, duas, que eu não vou beber sozinho.

— Feito, duas cubas. E Cuba mesmo, meu comunista, que tal?

Matou sua vontade de conhecer a ilha?

— Que comunista que nada, coisa da juventude. Mas não é mau o país, tem sua graça, apesar de arruinado.

— E a Anita, não foi?

— Não podia. A escola, as aulas, sabe como é. E depois...

— Depois...

— Não estamos mais juntos.

— Não? Tanto tempo...

— Quinze anos. E por causa de uma Coca-Cola, acredita?

— Ela te largou por causa de uma Coca-Cola?

— Ela não me largou, nós é que terminamos.

— Mas por causa de uma coca?

— Mais ou menos, quer dizer, por causa desse meu livro sobre a Coca-Cola.

— Não li ainda. Mas ele não é crítico, não te rendeu até esse prêmio literário em Cuba?

— Um monte de gente acha que o livro critica a Coca-Cola, até o júri achou, e por isso me deu o prêmio, mas não é bem assim.

- Mas a porra da Coca-Cola não acaba falida?
- Quase, mas não por ser ruim, aí é que está. Compra o livro, tem que ler pra saber.
- Me conta, vai!...
- É um enredo de espionagem, tipo John Le Carré, se eu contar você não compra.
- Juro que compro.
- Compra nada. Mas eu conto, pra você eu conto. Perco dez centavos de direitos autorais, mas conto.
- Já estão aqui na mesa. Agora conta.
- A história se passa nos anos sessenta, Guerra Fria, crise dos mísseis, aquela coisa. O sujeito é um militante de esquerda que fez Engenharia Química na Poli e consegue umas bolsas de mestrado e doutorado na União Soviética.
- Seu sonho comunista de consumo.
- Cala a boca.
- Já calei.
- De lá o cara vai pra Cuba, consegue um passaporte falso e entra nos Estados Unidos como refugiado, no meio daquela cubanada ridícula de Miami. Depois de muito dry martini, pernas compridas, loiras, cubanitas, tiros e altas traições, ele consegue roubar a fórmula do verdadeiro ouro negro norte-americano.
- Que é a Coca-Cola.
- A própria. Ele então volta pra União Soviética e de lá saem espalhando o segredo pra uma meia dúzia de fábricas mundo afora. Cuba, Indonésia, Nigéria, Bolívia, até pra uma nos Estados Unidos mesmo, em Ketchum, Idaho.
- Isso existe?
- Mas é claro! É onde o Hemingway se matou com um fuzil de caça. Sacou a parada? Hemingway, Coca-Cola, cuba-libre... As fabriquetas vão inundando o mercado com as cópias até quase quebrarem a gigante. A cena final é com o engenheiro de volta a Havana, no bar

que o Hemingway frequentava, tomando uma cuba-libre e dizendo: “Hasta la victoria siempre!”. Não é genial?

— É meio macarrônico.

— Que seja! Querida o quê? Meu avô era italiano. E o povo gosta de macarrão, até em Cuba. Não engoliram bem?

— Menos a Anita.

— Ela também tinha engolido. A coisa azedou mesmo depois da viagem. Ela estava toda empolgada quando eu voltei, me fazendo perguntas, vendo as fotos e tal e empacou numa montagem boba que eu fiz com aquela imagem dupla do Chico Buarque, sabe qual? De um lado ele está rindo e do outro está todo sério.

— Acho que é a capa do primeiro disco.

— Sei lá, deve ser, ele está novinho ainda. Mas o que pegou é que no lado alegre eu coleí uma garrafa de Coca-Cola e, no triste, uma garrafa de TuKola.

— TuKola?

— É a imitação de Coca-Cola dos cubanos.

— E é ruim?

— Se é ruim? É pior que Pepsi diet! Parece o Biotônico depois que tiraram o álcool. Lembra que tinha álcool no Biotônico?

— Dava um baratinho.

— Pois é, depois tiraram e ficou aquela merda, e o TuKola parece aquilo.

— Cara, mas isso é muito pouco pra ela ter te largado.

— Ela não me largou, nós é que terminamos.

— Pouco então pra vocês terem terminado.

— É que não acaba aí, entende?

— Vou entender se você me contar.

— Eu conto. Deixa só o garçom trazer outra cuba, que a minha já era.

— Duas, então.

— Pronto, já está vindo. Não é de Pepsi não, né, amigão?

— Não, senhor, é de Coca-Cola.

— Valeu, pode ir. O rum pode até ser vagabundo, mas a coca tem que ser Coca-Cola mesmo.

— É, cuba sem Coca-Cola não é cuba.

— Pois é disso que se trata.

— De cuba sem Coca-Cola?

— Mais ou menos.

— Conta tudo de uma vez.

— Não tem muita coisa. Ela azedou a cara e eu disse que era isso mesmo, que no fundo a Coca-Cola é a única que presta, que as imitações do meu livro só são boas porque são cópias perfeitas, mas na vida real, sem mimese nem nada, é tudo água suja adocicada.

— Ainda assim, é pouco pra terem terminado.

— Tem razão. O que ferrou foi a entrevista pra *Veja*.

— Entrevista pra *Veja*? Essa é nova.

— Quase ninguém sabe, não tem data pra sair ainda. Nesse mês ou no outro. Vai depender dos acertos. Ela já achou meio foda eu dar entrevista pra *Veja*, mas o que matou mesmo foi o tom, o conteúdo, a fatura geral da coisa, que é a seguinte: de refrigerante a regime político, ninguém copia o que não é bom. Sacou?

— E os comunistas do livro vivem querendo imitar os americanos.

— *Voilà*, o resumo da ópera é esse, e com chave de ouro: como o que está no livro é ficção, ninguém de fato copiou a fórmula da Coca-Cola, ela continua única e inimitável. Ou seja, quer Coca-Cola?, “Beba Coca-Cola”. O troço já nasceu com alma publicitária.

— E cloaca.

— Como?

— Nada, besteira minha. Mas você pensou nisso enquanto escrevia?

— Capaz! A gente vai escrevendo e não se dá conta, não sabe aonde vai dar. Foi um gerente de marketing da própria Coca-Cola que me ligou. Marcamos um encontro e ele foi logo abrindo o jogo. Querem fazer um filme do livro, com patrocínio velado deles, na

forma de um contrato publicitário com a minha agência. Entende o que é isso? Não ter mais que ficar fazendo anúncio de supermercado popular? Adeus, photoshop de sapólio! Adeus, slogan terminando com “Tá barato!”. É um salto, cara, um salto! E dizem que a literatura já não serve pra nada.

— É, parece que ainda serve. Mas então não foi só uma Coca-Cola.

— Não, não foi. Ela ficou uma arara. Nem quando eu falei que ia sair da Juventude Socialista ela ficou tão brava. Sabe essas veias do pescoço? Estufadas até, quase estourando.

— Brava, sem dúvida.

— Sem dúvida e sem razão. Sabe o que ela disse? Que eu era um ingrato, um desleal, um traidor, que o povo cubano tinha me dado esse prêmio e eu retribuía dessa forma, falando mal deles, da revolução, o diabo.

— É foda.

— Que revolução? Que povo? E Cuba lá tem povo? Nem povo nem revolução.

— E você falava era do refrigerante.

— Pois é! Mas sabe o que é engraçado? Quando a gente foi pro Maranhão, ela pediu um Guaraná Jesus, aquele cor-de-rosa, e quase botou tudo pra fora. E foi a mesma coisa no Peru com o InkaCola. Eu falei: não toma isso, isso é Epocler engarrafado. Mas não, militante que se preza tem que ter estômago e intestino de terceiro mundo, aguentar água podre e giárdia, e lá foi ela, bebeu e se fodeu. Não falou nada pra não dar o braço a torcer, e eu fiquei bem quietinho, tomando minha Coca-Cola com gelo de água mineral enquanto ela passava Hipogloss.

— Mas essa história do filme, do contrato publicitário, isso já é certo?

— Pode apostar. Mesmo a entrevista na *Veja*, você acha que veio do nada? Do nada o que vem é nada. Já tem dedo da Coca-Cola nisso, entende? Jabá dos grandes. A *Veja* é tipo o Faustão, pagou entrou.

— E ela te largou por isso?

— Já disse que ela não me largou, nós é que terminamos. Não dava mais, sabe, esse idealismo besta, essa romantização, essa coisa de achar que a literatura é uma verdade maior, que vai mudar o mundo, que é um fósforo aceso na escuridão e blá-blá-blá.

— Ela disse isso?

— A ladainha sempre foi essa. Agora, sabe o que ela disse do meu livro? Que era podre porque eu usava a ficção pra fazer uma mentira passar por verdade.

— Ela pegou pesado.

— É, mas eu não deixei barato. Não neguei nada, de pirraça, mas joguei na cara dela uma frase genial daquele escritor de subúrbio... como era o nome dele? Fala aí, você que é de Letras.

— Sei lá... Lima Barreto?

— Que Lima Barreto... o de Osasco, da sinuca...

— João Antônio.

— Esse! Pois ele disse que a literatura é uma fraude e que só serve pra produzir mentiras eloquentes.

— Cara, ele disse isso, mas acho que foi da publicidade, não da literatura.

— Ah, é? Pois eu jurava que era da literatura. Bom, dá na mesma, publicidade, literatura, hoje em dia é tudo a mesma coisa, tudo compra e venda. Por falar nisso, você vai comprar o livro, não vai?

— Pra quê? Já sei de tudo e pela boca do autor.

— Filho da puta.

— Mas a entrevista na *Veja* eu quero ler.

— Faz isso. O fato é que eu publiquei o livro, ganhei o prêmio, fui pra Cuba, fumei um charuto no bar do Hemingway e aqui estou, à espera de um telefonema milionário de *The Coca-Cola Company*. Estou mal?

— Tão mal que precisamos comemorar. Champanhe?

— Você toma o que quiser, eu vou de cuba-libre.

— Mais duas, então.

— Garçon!

## PIRÂMIDE OLFATIVA

---

Pela milésima vez, tia Rosa tentava me convencer de que nenhuma profissão podia ser melhor do que a minha.

— Um sonho! Imagina, o dia inteiro longe da fedentina do mundo, só provando e aprovando perfumes, descobrindo a essência escondida em cada um deles. Nunca pensei que isso existisse. Como é mesmo o nome?

— Avaliadora olfativa.

— Avaliadora olfativa. O nome não é bonito, deviam falar em francês, mas a profissão é um sonho.

E corria a buscar suas colônias ordinárias para que eu as avaliasse. Temendo encostar o nariz nos frascos, eu fingia aspirar aquilo e mentia para não a decepcionar:

— Hum! Esse é divino! Família floral tendendo a um frutado cítrico.

— E as notas? As notas!

— De saída, notas de flor de tangerina (*um acetaldeído qualquer...*); notas de coração... deixa ver... de rosa búlgara (*geraniol paraguaio...*); e notas de fundo de um almiscarado exótico (*o musk xileno cancerígeno que a FDA proibiu nos Estados Unidos...*).

— Notas de coração! Rosa búlgara! Que coisa mais linda! Como é que vocês chamam mesmo?

— O que, tia?

— As três juntas.

— Pirâmide olfativa?

— Pirâmide olfativa! Que coisa mais linda! Nem no Egito tem pirâmide assim! Nem no Egito! — e se embrenhava no quarto abraçada ao frasco em que ela acreditava dormir a mais búlbara e pulcra das rosas.

Eu mentia sim, e não me arrependo, porque mentir só é um mal se o efeito que produz também o é. Tia Rosa já pouco saía de casa, tragada por uma espiral de pânico desde que tio Pepe, recusando-se a entregar o relógio barato, fora degolado por assaltantes na Baixada do Glicério. Como ela precisava de companhia e eu, de sumir de Pedreira, nossas necessidades se saudaram e eu vim morar com ela no pequeno apartamento da rua Tabatinguera, com a desculpa de terminar o ensino médio. Uma vez concluído, aceitei a sugestão de estender minha temporada matriculando-me num curso técnico de perfumista e fui ficando. Um ano, dois anos, três, quase dez já. Tia Rosa envelheceu rápido, mas reconfortada. Sim, o mundo era um antro fétido e feio, mas o bom Deus, que ordenou a morte de Isaac e não impediu a de tio Pepe, também inventou a rosa búlbara e não se furtou a lhe enviar, por consolo, uma sobrinha com a melhor profissão do mundo.

O que ela nem desconfiava é que eu vinha perdendo a cada dia o gosto pelo ofício, principalmente depois de madame Papillon ter assumido o controle não só da loja, mas também de nossas vidas e de nossos narizes. Com um diploma da *Académie des Maîtres Parfumeurs de Saint-Laurent-du-Maroni*, ela tentava nos incutir obsessivamente o método lá aprendido: traduzir o mundo em pirâmides olfativas, do perfume ao estrume, da berda à merda. *Pirramíde olfative, mes filles! Tudo c'est pirramíde olfative. Se non sabe o cheirro da merrde, non sabe o da âmbarr.* No início, divertia-me com os enrosocos do seu português afrancesado, com suas explicações estabanadas e, mais do que tudo, com nossas incursões semanais pelo centro da cidade em busca não só do cheiro bom dos cafés e das charutarias, mas também da mofeira dos velhos sebos, do misto de talco e naftalina dos pregadores evangélicos, do bodum da mendigalha. *Pirramíde olfative, mes filles! Pirramíde olfative!* Mas a diversão foi se transformando em angústia à medida que eu

percebia que as coisas iam deixando de ser o que eram para se tornarem meras categorias olfativas. Onde os outros encontravam, por exemplo, abelhas sobre girassóis, eu já não farejava mais do que notas de mel citrino fundindo-se a notas de helianto holandês. Eu mesma, aos poucos e sem controle, ia me tornando um arranjo esparso de calêndula, patchuli e canela a espreitar fantasmas de baunilha, bergamota e cedro.

De vez em quando, para não passar diretamente das essências da loja às colônias baratas de tia Rosa, alongava minha jornada abrigo-me na igreja dos Enforcados.

— Tia, não me espera pra jantar que hoje eu vou à missa.

— Ai, que anjo! Vai na Sé?

— Não, tia, na dos Enforcados.

— Não fala Enforcados! Fala Das Almas.

— É a mesma.

— Mas é feio.

— Tá bom, tia, na Das Almas.

— Reza por mim também, meu anjo.

Eu não ligava a mínima para religião, já não tinha a fé renitente dos poucos gatos pingados que ainda buscavam algum refúgio de silêncio na igreja dos Enforcados (*Das Almas, tia Rosa, já sei, Das Almas...*), mas aceitava a incumbência. Nas primeiras vezes em que ali fui, ainda não conseguia me desprender do ofício e me surpreendia buscando no ar vestígios de incenso ou de flores velhas. Refletia também sobre como seria a pirâmide olfativa de Deus, caso existisse, e se teria notas de éter, timo e benjoim, ou se de ouro, incenso e mirra. Só aos poucos é que fui aprendendo a me concentrar no cheiro monótono de vela que, como um coro em uníssono, subia da sala de promessas e inundava por completo a nave da igreja. Sim, isso era bom, essa ganga bruta aromática sem nuances, sem notas de nada, a não ser de si mesma e do ser que a exalava: vela.

Era raro que algo me distraísse desse exercício meditativo que me esvaziava a mente dos tormentos aromáticos e da voz autoritária de madame Papillon. Penso nisso sempre que me lembro daquela

tarde e da forma como meu coração sobressaltou-se ao perceber no ar a insinuação de notas que quebravam a monotonia incolor das velas. Mas notas de quê? De quem? Voltei-me para a porta, mas não enxerguei, de início, mais que um recorte de sombras contra a explosão de luz que vinha da rua. Somente quando o homem avançou, pude adivinhar os desenhos que a meia-luz da nave foi traçando sobre ele. Devia ter uns cinquenta anos, agravados na aparência por uma magreza crônica e por um estado de desleixo que parecia vir antes da loucura que da miséria. Trazia a tiracolo quatro sacolas de pano tão encardidas quanto ele, mas metodicamente dispostas sobre os ombros, e que, somadas ao cajado rústico e ao colete com uma cruz de malta, reforçavam seu aspecto de retirante medieval, de alguém deslocado mais no tempo que no espaço. À distância de uns três metros do altar-mor, fixou os olhos no sacrário e iniciou uma coreografia espalhafatosa em que se adivinhava, entre olhares de êxtase e gestos largos de atleta olímpico, alguma coisa que devia ser um pelo-sinal. Depois, vagou pelos corredores laterais, parando alguns minutos diante de cada altar para mastigar com os dedos as contas de plástico do rosário que trazia ao pescoço. Findo o périplo, varreu com os olhos a meia dúzia de pessoas que esperavam pela missa, como se procurasse ou escolhesse alguém.

Quase me levantei ao perceber que seu olhar estacionara justamente em mim e que, sem desviar os olhos, ele começava a se mover em minha direção. Na certa ia me pedir dinheiro, mais um dos que encostam, fingem acanhamento, desfiam lamúrias e acabam pedindo algum trocado pra inteirar a passagem de volta pra Minas. Mas não, não disse nada, não tugi nem mugiu, apenas parou no centro do corredor, próximo ao banco em que eu estava. Não tive coragem de encará-lo, mas percebi que me deitava um olhar petrificado, como fizera ainda há pouco com os santos dos altares. Torci pra que o tempo corresse, mas, como se sabe, é lei do demo e do tempo fazer exatamente o contrário do que queremos. Minutos depois, virou-se em direção ao altar-mor, executou novamente a espalhafatosa coreografia

e acerçou-se ainda mais do meu banco. Cheirava mal, notas de sebo bovino, suor seco e carniça, que se confirmaram quando ele depositou as sacolas e sentou-se ao meu lado. Meu corpo crispou-se instintivamente, pronto para um salto ou um grito.

— A senhora dá licença? Não tenha medo, não sou bandido nem tarado, sou sedevacantista. E antes que a senhora pergunte, como costumam fazer, já explico que não estou com sede nem sou adventista, benza-me Deus desse banzo. Sou sedevacantista. Abra bem as oíças pra ouvir melhor o que eu digo. *Qui habet aures audiendi, audiat.* É séde, não sêde, com é de merda, não com é de medo. Tenho que falar baixo pra que o antipadre não me ouça. Eu vim aqui pra matar.

— Matar?

— O antipadre, esse Aurélio que é vigário daqui, não conhece? Modernista, gaysista e abortista. A senhora já reparou como ele não toca o chão com o joelho quando faz o pelo-sinal? Não toca. Prefere afagar no escuro a careta de bode que ele tem na palma da mão. Já fazia isso no seminário. *Hircus caprarum... super faciem totius terrae... et non tangebatur terram.*

— Perdão, não sei latim.

— Ninguém mais sabe, é a culpa que eles carregam.

— Eles?

— Os sectários do Vaticano II. Tomaram a Santa Sé de assalto, foram se infiltrando, plantaram os deles como coroinhas do baixo clero, subiram à clerezia baixa, depois à média, à alta, ao bispado, ao cardinalato e pronto, se coroaram, passaram a mandar de dentro, feito tumor. A senhora tem algum tumor?

— Não! Deus me livre!

— Nem eu, mas a igreja tem um bem no miolo dela, ou seja, no trono de Pedro. *Extra ecclesiam nulla salus*, dogma que é, tudo na igreja, pela igreja, mas só se a igreja não estiver tomada pelo cão, não acha? Nisso eu fecho com o capelão Feeney, apesar do jesuitismo dele. Terciário sou, mas de ordem humana nenhuma, meu serviço pertence àquele que tudo pode o tempo todo, *Dominus Deus qui est et qui erat*

*et qui venturus est Omnipotens*. Donde a missão de retomar deles o que eles tomaram de nós. O primeiro foi o antipapa João XXIII, que fez o mundo arrotar o rito nos vernáculos mais sujos que existem. A senhora já imaginou o *Credo* rezado em suaíle ou em xavante? Pois é, credo mesmo! Que o cão o tenha em sua sanha. E a assinatura do antipapa Paulo VI de ponta-cabeça? Já reparou? *Et numerus eius est sescenti sexaginta sex*, 666. É virar e ver, está lá, não inventei. O mundo deles é esse, o das pernas pro ar. Mas esse de agora é o pior, o *ex finisterra diabolus* a quem a terra será leve como chumbo de jumbo. Mas dura pouco, não vinga, é gordo, pançudo, bundudo, só tem um pulmão. Viu como ele nem conseguiu celebrar missa campal em La Paz? O ar é rarefeito pra eles. Pois é, logo vai pra cave do conclave com o vivo e redivivo antipapa Bento XVI. Sabe que ele ainda está lá, não sabe? Vivo, como não deveria, pois se três deles assim estiverem, e juntos, será o fim do fim que ainda nem começou. Por isso estou aqui, Simão não cireneu em sua missão de dar cabo deles. Não começaram por baixo? Pois por baixo eu recomeço.

Aproveitei uma de suas breves pausas para correr os olhos pela igreja, na esperança de que alguém nos observasse, pronto a intervir, se fosse preciso. Mas não. Tudo repousava na mais branda indiferença, como se a estranha figura não passasse de um conviva costumeiro das poucas senhoras que ajeitavam os xales pretos e os cabelos brancos à espera da missa. A inércia só foi quebrada quando o homem me acotovelou de súbito e apontou com o nariz a aparição do padre. Já estava paramentado e vinha preparar o altar para a missa. Lançou-nos um olhar desconfiado, mas tive a impressão de ver em seus lábios uma breve contração de riso, que se manteve entre o arranjo de um castiçal e um esfregar de toalha. Quando subiu ao altar para verificar o sacrário, senti nova cotovelada do homem.

— Lá vai ele! Acha que banhou as mãos em água benta antes de tocar o santo ouro do cálice? Não é pra responder, não carece. *Accepta aqua lavit manus*. É por isso que eu tenho que matar, não vê? — e, metendo a mão numa das sacolas, empurrou contra o pano algo

que pareceu desenhar no algodão encardido a silhueta de um revólver. Levei as mãos à boca, estática, e ele prosseguiu com naturalidade:

— O que não é de Deus é Dele. Olhe mais de perto, se quiser, mas disfarçando. Taurus 856, calibre 38, cano curto. Achou que fosse cartuchinho de doce? Tem bala aí sim, uma só, mas não é de coco não, é de prata, dormindo aqui, prontinha pra acabar com a doçura viada desse antipadre. Quer ver?

Fiz que não com a cabeça, a tempo de evitar que ele sacasse a arma. A movimentação, contudo, trouxe ao meu olfato um desarranjo de notas confusas: carbono oxidado, óleo de máquina, borraça industrial. Ele não insistiu e até agradeceu aos céus por preferir retomar o discurso delirante.

— Esse antipadre é podre, e não é de agora não. Ele sempre foi assim, mau e mofento. Zombava de mim no seminário, dos meus sapatos furados, dos meus dentes tortos, da minha fé de pedra na santidade de Maria Serafina Micheli. Não conhece? A que teve a visão de Martinho Lutero no inferno, fervendo nos caldeirões do cão. Pois viu e a imagem dela agora está bem ali, no altar das virgens, pra gozo e glória, venerável que foi, beata que é e santa que será. Eu mesmo trouxe a imagem, por desforra, depois de descobrir por onde andava esse ferrabrás. Mas não foi em Mariana que ele debandou em comunista não, foi em Aparecida. Aparecida é antro deles, não sabia? Pior que La Habana, pior que Moscovo, coalhada de filhotes de Azazel. Não viu como ele guarda a mão direita numa dobra da batina? Nunca deixa à vista. Batina feita pra isso, riscada com a vã vaidade de maçom que não dispensa alfaiate pago a peso de ouro. *Et vigilate mecum*. A senhora olha pra mim?

— Olhar?

— As sacolas. Vou lá embaixo botar uma vela pra alma dele e já volto.

Antes que eu respondesse, ele já tinha se levantado e, sem despregar os olhos do padre, dirigia-se lentamente para a sala das velas. O padre, percebendo a movimentação, aproveitou a ausência do

homem e veio até mim. Não era tão jovem quanto ele próprio talvez acreditasse e traía sua real idade na evidente preocupação de escondê-la. Sobrancelhas feitas, unhas polidas, cabelo pintado de acaju, no limite quase de tornar-se ridículo. Reparei que a batina, branquíssima, era de fato finamente talhada, como me alertara o outro, trabalho evidente de alfaiate dos bons, ou seja, dos caros. Um raio de reflexão sobre a vaidade veio me sugerir que o outro, mesmo na loucura, poderia ter algum fio de razão, mas o perfume do padre (*que inferno!*) logo me alienou de tudo. Notas de saída em hortelã, maçã verde e lima da Pérsia. Lima da Pérsia ou limão? Limão. Limão siciliano, isso. Coração em fava tonca, gerânio e Ambroxan, que madame Papillon execra. *Se a naturreza non fez, non prresta*. E as notas de fundo? Profusas e confusas, *eau de parfum* barateando-se, tendendo a *eau de toilette*. Mas quais? Baunilha, vetiver, musgo de carvalho, cedros variados. *Eros*, sem dúvida, um Versace óbvio. Mas como é que demorei tanto pra...

— Doido de pedra — disse o padre, despertando-me do transe enquanto girava o indicador diante da orelha direita — e pensar que quase tomou ordens.

— Conhece?

— Uma das grandes promessas do seminário. Brillhante em Eclesiologia, Patrologia e Mariologia, com o perdão das rimas. E latinista de mão cheia. Estava traduzindo Plotino quando teve o primeiro surto. E acabou desse jeito.

— Mas por quê?

— Quem pode saber? Os desígnios de Deus, minha filha.

— Não é perigoso?

— Manso, manso. Fala muito, é verdade, estorva, mas é manso.

— Padre, ele disse que vai matar o senhor.

— Ele sempre diz isso, minha filha, não se preocupe, é a ladinha dele.

— Está armado.

— É de brinquedo. Ainda ontem estive aqui com ela. Comprou na 25 de março.

— Ele vem vindo, padre.

De fato, o homem terminara de acender suas velas e vinha em nossa direção balançando no ar um palito de fósforo ainda em brasa. Ao me ver com o padre, plantou-me uns olhos medonhos, parecendo-me acusar de alguma herege cumplicidade. Meu coração acelerou.

— Outra vez, Simão! Você não deixa as pessoas rezarem em paz. Aposto que veio me matar de novo, não veio? Deve ser a décima vez só esse ano, não? Ahn? Décima primeira. Está bem. Eu sei que você só fala por falar, mas isso assusta as pessoas e elas fogem da igreja. É assim que quer servir ao Senhor? Eu sei que não é. Pois então deixa a moça em paz, vai pra casa e me deixa preparar o altar pra missa das seis. Está bem?

O homem não disse nada, apenas assentiu com a cabeça e recolheu do banco seu escarcéu de sacolas. O padre ainda elogiou o gesto:

— Isso, Simão, é assim que se faz, porque é assim que Deus quer. Agora vocês me dão licença que eu vou terminar os preparativos pra missa — e deu-nos as costas, sorridente e manso.

Eu me acalmara um pouco, mas o ar deslocado pelo homem ao apanhar as sacolas trouxe-me novo arrepio. Notas de parafina ainda, pelo triunfo das velas, mas algo de fósforo vermelho nas notas de coração, as preferidas de tia Rosa. Coração. Uma única bala. Foi o que me ocorreu quando o vi sacar o revólver e gritar o nome do padre.

— Aurélio! Sede vacante!

— Já chega, Simão.

— Tive sede e não me deste de beber...

— Já disse que chega! Vai pra casa.

— *Ipsa conteret caput tuum!*

— Pelo amor de De...

O estampido seco cortou a frase do padre ao meio e uma estrela vermelha de imprecisas pontas não tardou a se desenhar no lado esquerdo da batina. A vista fugiu-me em meio à correria e devo ter desmaiado, pois não me lembro de como fui parar na sacristia, onde o delegado apareceu para colher meu depoimento. Pediam-me

insistentemente que tivesse calma, que não pensasse mais no homem, que fora preso e já devia estar a caminho do Juqueri. Homem? Mas que homem? Minha angústia não vinha dele nem do padre baleado, eles que se cheirassem nas raias do inferno. Eu até queria entender o que se passara e, mais do que isso, experimentar alguma espécie de compaixão que fizesse de mim mais do que um nariz que espreita e cheira, mas, desde o sono do desmaio, a voz de madame Papillon martelava-me a cabeça numa cobrança ferrenha:

— *La pirramide olfative, ma fille! La pirramide olfative!*

OK, madame Papillon, quer as notas todas, não quer? Pois lhe dou a pirâmide inteira, e não só o corpo podre da múmia que dorme dentro dela, mas com a promessa de me deixar em paz depois disso, pois não? Pode ser? *D'accord, ma fille, d'accord.* Pois bem, temos de saída essas notas de petróleo atlântico, das que dormem na parafina e vêm ao mundo quando ela se queima. *Très bien! Très bien!* As de coração são fáceis, qualquer fedelho de fraldas reconheceria que são notas de nitrato chileno, carvão vegetal de cerrado goiano e sulfeto de potássio, pois não? *Oui, oui, ma fille! Quelle précision!* Mas as notas de fundo é que me fogem, voláteis demais, dispersas nesse ar rarefeito. Sei que são borboletas, madame Papillon, poderia capturá-las sem muito esforço, mas minha bochecha ainda dói dos tapinhas nada delicados que me deram durante o desmaio. E o lenço? Não viu como os brutos meteram em meu nariz um lenço embebido em amoníaco pra me recobrem os sentidos? É por isso que não consigo... *Concentraçon, ma fille! Concentraçon!* OK, madame Papillon, eu consigo, eu me concentro. Pois é do coração que devem sair as notas de fundo, não?, encadeadinhas, como manda o figurino, e o deste caso andou também embebido, mas não em amoníaco. Pois é isso, é óbvio, madame Papillon! Ferro em oxidação, o  $Fe^{2+}$  da hemoglobina, mas em névoa cítrica, sangue e citrus!

— Laranja sanguínea! — gritei, para espanto dos que me acercavam na sacristia.

— Como é, senhora?

— Laranja sanguínea, *n'est-ce pas? Très bien, ma fille! Très bien!*

— Coitada, delirando em francês de novo.

Não disse mais nada, seria inútil, eles não entenderiam, como não entenderam o sorriso de alívio que estampeei no rosto ao perceber que a voz de madame Papillon, satisfeita com o fecho da pirâmide, dissolvia-se aos poucos em minha cabeça, como se levada pelo vento. *Pirramíde olfative! Tudo c'est pirramíde olf...* Pedi que abrissem a porta e me atenderam prontamente. Uma lufada de ar varreu a sacristia e a inundou com o cheiro único e inconfundível das velas.



Por mais que os acarajés da rua do cemitério lhes fizessem séria concorrência, os da preta que trabalhava ao pé do bar do Canarinho tinham fama de serem os melhores de Santo Amaro. Eu gostava de me sentar numa das mesas da calçada para acompanhar ao mesmo tempo o processo minucioso de preparo dos bolinhos e o vaivém da rua em seu movimento discreto de sexta-feira após a sesta, à espera de que algum milagre quebrasse a pasmaceira das pedras. E naquele dia, que agora me volta à memória, foi o que acabou acontecendo. Eu me distraía com a profusão dos tons de vermelho e com a respiração fumegante do tacho quando um mar de ciganos, como tromba d'água que não se anuncia, espalhou-se pela outra ponta do largo, às portas da Santa Casa.

— Que foi? — alguém gritou de dentro do bar.

— Entre eles — respondeu uma voz bem atrás de mim — alguma coisa entre eles.

Voltei-me quase instintivamente e topei com o dono da voz, um sujeito de uns sessenta anos, de aspecto antes inchado que gordo, e com uns vestígios de palha alourada nos rebordos da calva. Parecia ser alto, pois seus joelhos sobravam sob a mesa, e as canelas longas esticavam-se em minha direção exibindo um par sovado de mocassins brancos.

— Entre eles? — ensaiei uma conversa.

— É, vivem brigando entre eles. Ou brigam vivendo, sei lá, dá na mesma.

Assenti com a cabeça, e ele seguiu bebericando uísque com gelo. Depois de estalar a língua, ergueu-se com o copo vazio, balançou-o na direção do Canarinho e veio até a minha mesa, informando-me, mais do que pedindo:

— Vou me sentar aqui com o rapaz. Daqui se vê melhor a balbúrdia deles. Hoje ninguém dorme na Santa Casa. Esperando acarajé? Eu também. A Deolinda chegou mais tarde hoje.

— É, eu sei.

— Sebastião — disse estendendo-me a manzorra.

— Paulo — retribuí enquanto ele gritava:

— Ô Canarinho, isso vem ou não vem?

— Já vai. Tá na mão.

— Ah, bom! Deixa a garrafa. O rapaz bebe?

— Só cerveja.

— É fraco. De estômago, eu digo, não leve a mal. Eu só como acarajé tomando uísque. Se não for assim, não presta. O rapaz não é daqui não, né?

— Cheguei faz pouco tempo.

— Eu sabia, perguntei por perguntar. Estômago ainda de passarinho. Sabe, os higienistas da escola do Dr. Eduardo de Magalhães diziam que o estômago baiano é o mais forte do Brasil porque se calejou digerindo essa tralha africana toda. Bobagem. Azeitona bruta é mais ácida que dendê e ninguém fala nada. Preconceito, tudo preconceito, não acha não?

— Acho. Até já li coisas boas sobre o dendê no...

— Josué de Castro. É, um bocado de gente leu. Mas ele exagera. Se a gente for na dele, o dendê vira um maná de betacaroteno e vitamina A. Não, nem ao céu nem ao inferno com o dendê. Mas o povo sempre quer que santo da terra faça milagre, não é? Sabe o que dizem aqui sobre o dendê? Que cura até lepra e sífilis.

— Que é isso!

— E justo nesta terra em que lepra é mato.

— E sífilis?

— Sífilis é mosquito, voa, assenta e fica, como esses ciganos aí. Andam juntos, aliás. Se uma está num lugar é porque o outro já chegou.

O rumo da conversa pareceu-me pantanoso e fiquei quieto. Ele não insistiu, satisfeito com o silêncio cúmplice do uísque, sorvido em goles cada vez maiores. Por instantes, não ouvimos nada além dos ruídos triviais do bar entrecortados pelos silvos agudos dos ciganos. Sentia-me desconfortável, mas, por sorte, meu acarajé ficou pronto e um menino que ajudava a preta veio trazê-lo numa bandeja.

— A pimenta tá no canto.

— Obrigado.

Com alguma intimidade, Sebastião puxou-o de leve pelo braço:

— E o meu, não sai?

— Tá na fila.

— Então escuta: corre lá no fundo da Santa Casa e pergunta pro Clóvis o que é que tá acontecendo. Fala que fui eu que mandei. Depois o Canarinho te dá um picolé.

Ele foi e voltou no mesmo pé, esbaforido, sério em seu ofício e confiante na recompensa:

— Foi facada, tem sangue pra todo lado. Um cigano pegou a mulher com outro e saiu cortando.

— Cigano também?

— Cigano.

— Não disse? — gritou dando um murro na mesa — Entre eles! Sempre entre eles! E o delegado?

— Pescando em Oliveira dos Campinhos. Diz-que só vem amanhã.

— Certo, muito certo. Entre eles, não foi? Pra que pressa? Tá certo. Ô Canarinho, dá um picolé aqui pro menino.

— E médico? Tem médico cuidando dele? — perguntei antes que o menino fosse atrás do picolé. Ele olhou para o Canarinho, que devolveu o olhar sonso para a armadilha de mosquitos pendurada no teto do bar. A resposta veio de Sebastião, rindo e fazendo rir:

— O médico? Mas, rapaz, se o delegado está pescando, o médico deve estar caçando cotia.

Todos riram, inclusive eu, ainda que sem saber bem do quê. Canarinho foi cuidar dos seus copos e o menino saiu em busca de algum canto em que pudesse desfrutar seu troféu de gelo sozinho. Voltamos ao silêncio, que, hoje, lamento não ter sido eterno. Novamente, foi ele quem o quebrou:

— Deviam é limpar com essa gente daqui.

— Limpar? — olhei espantado, o suficiente para deixar evidente o meu incômodo.

— Limpar, raspar, desinfetar, tacar creolina, correr com eles daqui. Não sei o rapaz, mas eu não gosto dessa gente.

— Nunca me fizeram nada.

— Falta de ocasião.

— Já lhe fizeram algum mal? Roubaram seus cavalos, talvez.

— Que cavalos! Isso é passado. Se puser reparo na conversa deles, vai ver que ainda falam de cavalos, mas hoje é menos pelo bicho que pela potência das motos. Quinze cavalos, cem cavalos, duzentos cavalos. O negócio hoje é esse, barganhar moto, comprar barato e revender caro, gastando lábia pra transformar mobilete em Kawasaki, como antes transformavam pangaré em alazão. Isso quando não roubam pra desmanchar e vender as peças em Salvador, no entorno da feira de São Joaquim. Vai lá que vai ver.

— Roubaram sua moto, então?

— Qual moto... — respondeu impaciente — não é preciso ter moto roubada pra saber qual é a dessa raça. E essa sujeira deles... essa dissimulação. Só não vê quem não quer e eu vejo de longe. Vejo e farejo.

— Perdão, mas o senhor fala com uma convicção... parece mesmo que já levou alguma rasteira deles.

— Olha, a mim nunca fizeram nada, que não sou besta, mas desgraçaram a vida de um colega de faculdade. E ele também não tinha moto, se interessa saber.

— Foi o quê, então?

— Mulher. Ele foi se engraçar com uma delas e acabou roubado. Roubado e um pouco mais.

— Um pouco mais?

Ele não respondeu de pronto, como das outras vezes. Seu olhar andava distante, varrendo ao léu a vaga cigana, que não se dissolvia. Parecia impassível, mas sua língua se revirava inquieta na boca em busca de alguma palavra amolecida pelo uísque.

— E esse acarajé que não vem... — disse consultando o relógio — O rapaz tem pressa? Se tiver cinco minutos, posso contar a história dele. Não devia, nunca contei. É assunto pra se lacrar em túmulo, mas ele já não vive na memória de ninguém, a não ser na minha, e é um peso que tiro dela. Se quiser, eu conto. O rapaz ouve e esquece.

— Se for preciso, posso fingir que não ouvi.

— Serve, eu conto. Deixa só eu refrescar a memória. Ô Canarinho! Tem batida de coco aí?

— Só aquela de Cachoeira, a que tu não gostou muito.

— Traz.

Bati de leve na garrafa de cerveja vazia, chamando a atenção do Canarinho, que me trouxe outra, junto da batida de coco. Sebastião propôs um brinde a nada, apontando o copo cheio em direção aos ciganos. Antes que eu pudesse molhar a minha língua, ele já tinha engolido o líquido leitoso de um único trago.

— Como disse, era um colega de faculdade, Carlos, natural de Sousa, na Paraíba, onde o pai tinha uma engenhoca de açúcar que ele chamava de usina pra encher os ouvidos das moças. A gente dividia uma meia-água em Santo Antônio Além do Carmo, um lugar sujo, úmido e barato, como tinha que ser, porque o bolso dele era magro e o meu, magérrimo. E dava pro sujeito pongar o bonde que vinha do Bonfim, se não quisesse pagar nem ir a pé até a faculdade. Era um tipo raro, um gênio meio negligente, sabe como é?, desses que vão bem nas provas sem ter que queimar as madrugadas sobre os livros. E por isso podia gastá-las como quisesse, o que, no caso dele,

era com charutos e com mulheres. Porque ele não bebia, acredita?, gota nenhuma, só charuto de São Félix e rabo de saia, que ele, não sendo bonito, conquistava fazendo rir. Folgazão natural, feito personagem de folgado, um Mateus de cavalo-marinho, um Bastião, um palhaço sem maquiagem. E falador. Nosso consolo de início de ano era poder sentar à roda dele num bar qualquer só pra ouvir a parlenda amorosa que ele trazia das férias. Dom Juan paraibano, pode imaginar o que é isso? Mas da última vez, quase ao final do curso, não foi assim. Ele voltou fechado, de olhar baço, sem fala, esquivo, parecia lacrau fugindo do sol. Nem conheço palavra pra botar aqui. Acabrunhado, talvez, mas acho que ainda é pouco. Comia mal, não dormia, faltava às aulas, não aparecia nas farras da estudantina, logo ele, que era uma atração à parte, inclusive pra ele mesmo. Sim, porque ele gostava disso, de ser o centro das atenções, de saber que os olhos dos outros buscavam a figura dele, rindo, achando graça no que ele dizia e no modo como ele dizia. A vida dele era essa. Mas ele voltou feito uma esfinge. A gente pensou que pudesse ser algum problema familiar grave, dos que pedem boca fechada, um câncer, uma irmã violada, um suicídio.

— Podia ser.

— Não era. Eu decidi que ia decifrar aquilo, porque o peso era maior no meu lombo do que no dos outros. Eu não tinha perdido só uma boa companhia de farra, eu estava dividindo uma casa minúscula com um sujeito que definhava em vida. Eu saía das aulas e tardava a voltar só de pensar na gastura que a visão dele largado na cama ia me dar. E tardava bebendo, ia me calejando no copo, o que não é bom. Mas foi daí mesmo que me veio a luz, porque eu pensei: sujeito que não bebe a gente derrete é dentro do copo. Com muito custo, consegui tirar o cabra de casa e fiz ele tomar um porre de batida de coco num daqueles bares do Terreiro de Jesus. Já tomou porre de batida de coco?

— Não, mas minha cabeça dói só de pensar.

— A minha doeu no dia seguinte, mas foi mais da consciência que do álcool.

— Se não quiser continuar...

— Eu quero, porque eu já comecei, e quando eu começo eu termino.

— Se é assim...

— Ele não bebia, o rapaz imagine o efeito daquilo em destravar a língua dele. Não poupou nada, nenhum detalhe, foi quase como se eu estivesse com ele em Sousa.

— Foi em Sousa, então?

— Em Sousa. Conhece? O que mais tem lá é cigano e pegada de dinossauro. Como falei, eram as últimas férias antes da formatura e o pai dele, que mal assinava o nome, estava eufórico porque ia ser o primeiro da família a botar anel de doutor no dedo. Já tinha até trazido uma esmeralda de Campo Formoso, que ele exibia pras visitas numa cristaleira da sala.

— Férias boas, decerto.

— Nada! Interior, o rapaz sabe, é aquele sem-que-fazer do cacete, e ele tinha que inventar coisas pra não morrer aporrinhado. A melhor delas era ajudar o encarregado do pai nas feiras de sábado, onde eles vendiam umas partidas de rapadura. Ajudar é modo de dizer, porque ele não fazia muita coisa, era só pretexto pra ir ver o movimento. Mestre bonequeiro, banda de pife, capado indo pro abate, essas coisas. E, claro, rabo de saia, que das primas e das molecas de casa ele já estava enjoado. Quem quer o de sempre que se case, e ele não queria. Ao contrário, tinha até alguma má fama dessa ordem, de querer variar demais, entende? E caçava mesmo, conseguia, se gabava de já ter pego sertaneja de todo tipo, da branca, da preta e da roxa, e até uma índia icó que apareceu por lá dando bola e bobeira. E foi cheiro de bola e bobeira o que ele sentiu no ar quando eles passaram.

— Eles?

— Os ciganos. Tinham acampado nos arredores pra tentar passar na feira uns pangarés comprados em Cajazeiras. Comprados ou roubados, dá na mesma. Chegaram ao modo deles, em bando, pra fazer figura, intimidar, mostrar força. E todos a cavalo, pra ver

os cabras de cima pra baixo. E era assim que ela olhava, do alto da garupa de um alazão.

— Ela?

— A ciganinha. Ele ainda nem tinha apeado do jumento quando ouviu o tropel ligeiro. Teve tempo só de virar o tronco em direção ao cortejo e dar de cara com ela, que ia sentada de banda, como manda a lei delas, que é a lei das saias. De cara não é bem o termo, porque o que ele primeiro viu foram as tornozeleiras de ouro falso tilintando no ritmo que o condutor impunha ao cavalo. Dali, os olhos dele foram subindo, adivinhando o desenho dos joelhos sob a seda, o contorno das coxas, o encaixe delas naquele encontro de partes que deu origem e desgraça ao mundo. E os cabelos chegavam até ali com os mesmos caracóis que abraçavam o rosto dela, um rosto de olhos largos e boca de piano.

— Bonitinha, não é não, Ambrósio?

— O diabo.

— Quinze aninhos?

— Se tanto.

— Sorriu pra mim. Com cigana eu nunca fui. Será que se engraçá?

— Diz que mulher cigana vai muito, mas só com cigano mesmo, só entre eles.

— Pois aí é que é, Ambrósio, quando é mais custoso, o gozo é maior.

— Se aquiete, siô Carlinhos.

Ele se aquietou por fora, pro Ambrósio não atinar nem dar com a língua entre os dentes, mas por dentro já armava alguma coisa pra quando ela passasse ali de novo no ofício que é o delas, de mendigar e ler a mão dos outros. A barraca ficava no coração da feira, não tinha como não passar. E veio, de fato, mas não sozinha, que à frente dela vinham outras duas, velhas e feias, umas carrancas de barco tocando o braço de todo mundo, pedindo dinheiro, se oferecendo pra mentir sobre a má sorte dos cabras. Pois essas duas abordaram primeiro, uma de cada lado, quase colando as carrancas na cara dele, que se esquivou de punhos fechados, até meio rude.

— Arreda, peste! Não me encosta, mondronga!

Elas se afastaram maldizendo e rindo, misturadamente. Ele ainda se repenteava quando ouviu uma voz de ave atrás dele:

— *Moso barí!*, quer boaventura? Eu leio, *moso barí!*

Ele soube logo quem era e se voltou sorrindo, pra desespero do encarregado:

— Dá trela não, siô Carlinhos.

— Deixa, Ambrósio.

E estendeu a mão, que ela foi adivinhando.

— *Moso barí* tem mão de vida mansa. Vida macia, muita moça...

— Nem tanta. Vê se tem alguma cigana aí.

— *Moso barí!*

Não conversaram muito, porque essa gente tem pé de cachorro, não para, estão sempre inventando desculpa pra andar. Mas pôde saber que iam ficar por ali mais dois sábados, duas feiras, o prazo que ele acabou se dando pra pegar aquelazinha. Antes de soltar a mão dela, perguntou se a ventura de uma pessoa podia mudar de uma semana pra outra.

— Demais, *moso barí!*

— Então eu volto pra saber se a minha mudou, mas tem que ser contigo. Como é que te chamam?

— Jofranca Choomia Jimenez.

— É complicado. Pra mim vai ser Esmeralda.

— É bonito, *moso barí.*

— Toma esses cinquenta cruzeiros pela boaventura que me leu.

Ela não fez cerimônia pra pegar o dinheiro, que sumiu no meio das saias, e seguiu pela feira, lendo venturas piores que a dele.

Como ele sabia que a semana ia ser longa, já na segunda-feira inventou de visitar um velho professor dos tempos de ginásio. Chamava-se Telles, com dois Ls, mas chamavam-no de Tales e ele não corrigia, por assim se sentir mais sábio. Além da fama de louco, tinha também a de ser entendido em assuntos ciganos, sobre os quais diziam ter uma biblioteca, ou seja, meia dúzia de livros velhos numa estante

em frangalhos. O Carlos não revelou a real razão de sua curiosidade e o velho o atendeu com verdadeiro entusiasmo. Mostrou os livros, falou pelos cotovelos e emprestou-lhe um velho manual espanhol, que ele leu e releu ao longo da semana. Tornou na sexta-feira e conversaram longamente. O professor tinha manias de filólogo e associava a liberdade dos ciganos à pobreza dos pronomes possessivos no romani.

— A rigor, as noções de “meu” e “teu” são frágeis, compreende? Tudo acaba virando “nosso”.

— Até as mulheres? — arriscou, vexando o professor.

— Isso eu não sei. Questões de amor não vêm cá pra fora, ficam sempre entre eles.

— Mas nunca tentou saber? Nunca quis se engraçar com uma delas?

— Entre eles — foi a resposta seca do velho, que consultou o relógio de bolso, tossiu em falso e declarou que já estava tarde. Carlos entendeu o recado e seguiu direto pra casa. Já era tempo mesmo, pois precisava escovar, trançar e paramentar o cavalo com que se apresentaria na feira.

No dia seguinte, tudo parecia eco do sábado anterior: eles ali com o carro de rapaduras, os ciganos chegando em bando e ela na mesma garupa, sentada de lado, balançando as perninhas e sorrindo pra ele. Mas agora, a cavalo, era ele quem olhava de cima pra baixo, entendeu o truço?, e com os olhos quase alinhados. O cavalo dele era um campolina baio que chamava atenção só por existir. O cigano que dava garupa a ela chegou a diminuir o passo diante dele por uns instantes, farejando o quanto aquilo renderia numa barganha.

— O cigano? Homem, então?

— Homem, provavelmente um irmão mais velho, porque a cara era quase a mesma. Mas, por ora, isso não importa. Carlos ficou na barraca, fingindo arrumar as rapaduras e esperando a passagem das ciganas, o que não tardou. Como da outra vez, as velhas vieram na frente, mas, reconhecendo a cara dele, já passaram xingando e mal-

dizendo aquele *busnó* do inferno. Ele achou bom, porque elas davam nojo, e também porque pôde logo se entregar à presença da pequena, anunciada pelo vapor de canela e pelo barulhinho bom das pulseiras.

— *Moso barí!*, ler a mão, *moso barí!* Boaventura!

— Carece não, minha rainha. Minha ventura já está boa porque tu chegou.

— *Moso barí!*...

— Tá quente. Vem tomar uma garapa comigo na ponta da feira.

E foram, sem sede nenhuma. Pegaram os copos gelados e viraram a esquina pra se encostar sem testemunha à sombra de um angico mudo. Ela chupava a garapa afilando a boca, como se fosse um bico de beija-flor. Ele não aguentou, tomou o copo, puxou a danada pela nuca e bebeu a garapa que ela tinha na boca. Ela não se aturdiu muito, só pegou o copo de volta, sorriu e voltou a sugar a doçura com a mesma boca afilada.

— *Moso barí!*

— Olha, no próximo sábado, vem direto pra essa sombra.

— Venho, *moso barí!* — e se foi, levezinha como tinha vindo.

Sebastião serviu-se de outro copo de batida ao ver o menino da Deolinda vindo em nossa direção com a bandeja.

— Olha seu acarajé aí.

— Até que enfim. Deixa aí, menino. Se o rapaz não liga, eu vou comendo e contando. Falta pouco, coisa de minuto e meio.

— Como quiser.

— Pois no sábado seguinte os dois se encontraram direto debaixo do angico, como se nem feira existisse. Ele tinha pressa e foi logo puxando a mão dela:

— Hoje, eu é que vou ler tua ventura, moça *barí!* Deixa ver... Aqui tá dizendo que tu vai ser minha.

— Posso não, *moso barí!*

— Pois tem que ser, porque eu já li minha mão hoje e tem uma esmeralda no meio dela, bem na linha do amor. Só pode ser tu. Quer

ver? — e ergueu o punho direito, fechado ainda, justo pra desabrochar os dedos devagarinho e deixar que ela adivinhasse, aos poucos, o brilho verde da pedra.

— Esmeralda! — ela gritou em bom português.

— Tá na minha mão, mas se a ventura for boa, pode passar pra tua.

Ela riu alto e foi com a mãozinha em direção à dele, que se fechou correndo.

— Assim não, Esmeralda. Ainda não. A gente tem que se misturar primeiro, entende? Ventura das boas.

Pois ela entendeu e tombou a cabeça pra trás, rindo como sempre. Que ele, então, fosse ao acampamento cigano dali a uma hora, enquanto os outros estavam na feira. Ia esperar por ele na tenda verde, ao pé da Kombi azul. E piscou, pescando e já seguindo:

— *Moso barí!*

Ele não tardou, o tempo só de despistar o Ambrósio, apurmar-se um pouco, montar e seguir. Nem preciso dizer que ia suando, do calor e da ansiedade, revezando a mão esquerda entre a rédea e o lenço. A direita ia muito bem metida no bolso, comprimindo a esmeralda que ele não ia dar a ela coisa nenhuma, percebe?, era só isca de bisca mesmo, chamariz. O acampamento estava quase vazio, só criança, velha e cachorro, porque o povaréu deles estava quase todo na feira. Foi fácil localizar a tenda e, como não tinha muito tempo, não ensaiou pra entrar. Já não sei se era assim mesmo ou se ele delirava um pouco, mas jurou que o ar ali dentro tinha uma densidade diferente, com uns vapores de anis e de canela que pareciam sair daquele corpinho que se oferecia na esteira. Ele se abaixou, prendendo o quadril dela com os joelhos. Ela mal se movia, inerte de tão dada, e ele se inclinou pra colar logo o primeiro beijo. Afoito, nem esperou as bocas se descolarem pra mergulhar a mão por baixo das saias, sentir o calor costumeiro de floresta úmida e avançar em busca do mel que devia dormir ali dentro. Ela soltou um gemido surdo, de quem quer mas vacila, e travou o pulso dele com uma força imprevista:

— Esse caminho não, *moso barí*. Caminho fechado, ninguém nunca. Se mexer aí, não caso.

Ele não contava com isso, com esse querer que ao mesmo tempo se negava, e se desconcertou. Como não era bruto de pegar mulher à força, fez menção de se levantar e ir embora, mas sentiu a mãozinha travando o pulso dele com força maior ainda.

— Caminho *hay otro, moso barí!* — e foi tirando de dentro do travesseiro um frasco de óleo aromático que ela... aqui, até eu me vexo... mas vá... que ela foi passando no rabinho e oferecendo. Não era de ficar louco? Ele ficou e nem viu mais nada, dali pra frente era se perder, se embrenhar sem volta. E ela gemia de um jeito estranho, falando e uivando ao mesmo tempo: “*Ui, mio Bachanó! Mio Bachanó!*”. Não era estranho?

— Era, mas... sabe tantos detalhes, que...

— Não espante não. Tenho boa memória e a batida de coco... Conto o que ele me contou.

— Sim.

— Pois eles já estavam quase chegando naquele ponto sem volta, aquele em que a gente já nem sabe se a morte existe, quando ouviu um urro enfurecido: “*Busnó! Busnó hijo de puta!*”. Foi tudo muito rápido, coisa de um segundo, segundo e meio, o tempo de sair de dentro dela e ver a lona sendo rasgada a faca por um vulto que investiu contra ele com um porrete. Era o cigano da feira, o que dava garupa a ela, e que não era irmão, como tinha pensado, mas primo, primo e noivo, o que explicava ao mesmo tempo o ódio e a parecença. Entre eles, percebe? Acordou amarrado numa cadeira, sem roupas, o corpo moído de pancada. Estava atordoado, mas reconheceu as duas ciganas que ele tinha rejeitado na feira. Elas é que deviam ter dedurado, as filhas da puta! E cuspiam na cara, e insultavam em língua bárbara, estapeando o pau mole dele. Até a falsa Esmeralda ria, apesar de ter um olho roxo e fios de sangue minando do nariz. O circo não durou muito, porque o cigano afastou as duas com violência e começou a

brincar nas partes dele com a lâmina do punhal. Ele ainda conseguiu reunir uns fiapos de voz pra fazer uma oferta:

— Me solta... Me deixa ir que te dou meu campolina. Tu gostou dele, não foi? Fica com ele...

Mas o cigano já estava surdo e seguiu naquele jogo. O rapaz sabe o que é ter uma lâmina fria e afiada ameaçando botar fora a cabeça do pau? Ele soube e deve ter suado granizo naquele dia, porque eu suei só de ouvir ele contar. O rapaz não?

— Estou suando.

— Um viajante deu com ele na estrada, se esvaindo em sangue, e o levou pra assistência. Correram até Patos, onde um cirurgião de fama conseguiu salvar a vida dele terminando o serviço do cigano. Entende o que eu quero dizer? Não tem volteio pra isso, vou direto ao ponto: amputou o que restava e os arredores, com método, cauterizando, estancando o sangue. Ele viveu, mas ficou vazio lá embaixo. Não pegaram ninguém, porque os ciganos sumiram na mesma nuvem em que tinham vindo, e a família preferiu abafar o caso. No sertão, filho capado é motivo de vergonha. Ele convalesceu e conseguiu voltar pra Salvador, mas no estado que o rapaz já conhece. Os últimos exames vieram e, a rigor, ele nem teria nota pra se formar, mas os professores levaram em conta o histórico brilhante dele e deram um jeito de conceder o grau de bacharel. Só não botou anel no dedo, não com aquela esmeralda que o pai exibia na cristaleira da sala. Esmeraldas... quem sabe o paradeiro delas? Acabei perdendo contato com ele. Alguns colegas ouviram dizer que tinha se embrenhado no sertão de Alagoas, em Piranhas ou em Pão de Açúcar, tentando ainda clinicar, mas sem sucesso. O rapaz sabe como são esses ermos, se o homem não guarda algum volume debaixo das calças, não tem o respeito dos outros. Ele acabou se atirando num daqueles penhascos do São Francisco, e a polícia nem se deu o trabalho de procurar o corpo. Morte presumida.

Ouvi um estalo de língua e o barulho seco do copo sendo depositado na mesa. Entendi, ainda perplexo, que era o ponto final da

história. Creio que passamos uns vinte minutos em absoluto silêncio. Era minha vez de falar, se quisesse, mas dizer o quê? Ficamos em suspensão até que um sujeito magrelo veio atravessando o largo em direção à nossa mesa. Era o tal de Clóvis, como saberia depois. Gritou, ainda à distância:

— Doutor Sebastião! O homem já estrebuchou. Tem que assinar o atestado.

Instintivamente, olhei para os mocassins sob a mesa, brancos, embora encardidos, antes de encará-lo à espera de uma explicação.

— É, rapaz, parece que o médico de plantão não estava caçando cotia.

E, numa ressurreição bíblica, levantou-se quase sem cambalear, apanhou o jaleco deixado na outra mesa e dirigiu-se rápido para a Santa Casa. Tão rápido que nem pude verificar se guardava ou não algum volume debaixo das calças.



## A QUINTA, A SEXTA, A SÉTIMA TROMBETA

---

Alguns temem, e com razão, o soar da Sétima trombeta, a que anunciará, perto do fim, o juízo esquivo de Deus, temperado, como todos sabem, com arroubos de bonança, fios de fel e azeite quente. De minha parte já pouco importa, tocado e perdido (perdido?) que fui pelo soar da Quinta delas, a que me lançou na fumaça da nuvem invisível de gafanhotos e no mistério gozoso do Anjo perfeito que a seguiu, pondo fim à pachorra morna em que eu vivia.

Não que a vida entre os beneditinos fosse má, juro que não era. Comíamos bem e não éramos proibidos de matar a sede diária com vinho que não fosse o canônico, lambido, ainda assim, até a última gota. Não transgredindo a velha regra de São Bento ou, principalmente, não envergonhando o prior em público, podíamos desfrutar de algumas regalias: Europa uma vez por ano, Fátima, Lourdes, Roma, balançar bandeirinha do Brasil na janela do papa, jogar moeda de cinco centavos na Fontana di Trevi. Depois, voltar, orar, laborar, comer, almoços gordos, jantares largos, pompa sem circunstância. Pachorra morna, como disse, mas vivíamos.

Mesmo o verão, mais forte a cada ano, não chegava a ser um suplício, e nós, os irmãos do eito, digo, da horta, podíamos bem com ele. Não sou do Sul, como sabem, não cresci entre parras frescas ou bulbos de peras enoveladas de gelo. Ainda criança, conheci o que é o clima agreste, a inclemência do sol secando sob a pele o que já nasceu sem viço, embotando as espinheiras mais grossas, furando o pau a

pique das casas. E o curral vazio até de moscas, fedendo a urina velha e bucho de boi morto. E a cabeça zonza, os joelhos salientes, a leseira das juntas. E a privação. E o poço em pó. Conheci.

Mas não sei por que digo isso. Quando a ouvi, nem fazia tanto calor como agora, embora essa umidade de alcova coletiva sempre me confundia. Não, ao contrário, a noite seguia fresca e calma no silêncio que costumeiramente nos envolvia após a passagem do trem da madrugada. Lembro-me bem da escuridão plena e de como eu meditava justamente sobre ela quando a trombeta, clara e solene como uma trompa de caça, cortou de assalto a paz provisória do quarto.

— Paulo! Irmão Paulo!

— Ahn!

— Está dormindo?

— Estava.

— Ouvia isso?

— Isso o quê?

— A trombeta!

— Foi o trem.

— Não! Trombeta! Soou depois dele.

— Você sonhou de novo, ficou com medo. Dorme, me deixa dormir.

Aquietei-me. O soar não se repetiu e nem podia. Como bem ensina a terceira prédica de Santo Agostinho aos numidianos, a Quinta não é eco da Quarta e nem prenúncio da Sexta. A Quinta é ela em si, ou melhor, foi, se foi, deixando no quarto o vazio de um silêncio refeito às pressas e que não duraria muito. O que ouvi na sequência não tinha a mesma clareza de trompa, era antes como um remoer lento e constante de areia mastigada, dura, como se os dentes é que se perdessem durante o processo. Esforcei-me para não dormir, com medo de que o barulho real se misturasse aos meus sonhos, em geral macabros. Tentando encontrar explicações razoáveis para os ruídos, pensei em baratas, no debater fino de suas antenas, mas não era possível, que o lavor delas é quieto, de trapistas. Ratos? Também não. Já não os tínhamos desde que irmão Hermes descobrira o

poder mirífico do trigo roxo embebido de arsênico. Não, nem baratas, nem ratos, nem criatura qualquer das trevas. Quem obra no escuro aprende a lidar no silêncio das sombras.

Tentei ao menos situar o ruído, saber de que direção estaria vindo. Das frinchas mesmas do quarto, de sua disposição escusa e aleatória pelo teto, pelo assoalho, pelas paredes velhas a esconderem cada vez menos os intestinos da casa? Ou do interior dos móveis, das gavetas, dos baús em festa? Também não, nem móveis nem imóveis, era de fora que vinha, da horta, quase ao pé da janela. Era isso: alguém se aproveitava da noite para deitar os dentes no que tínhamos laborado durante o dia. Quis chamar irmão Paulo de novo, mas ele já ressonava sob os lençóis, bruto, dormindo não sei que sono, se o dos justos ou o dos exaustos. Tentei imitá-lo tapando as orelhas com as mãos grossas e escondendo a cabeça sob o travesseiro, mas o ruído chegava até mim como se ali mesmo estivesse, no quarto, ao pé da cama, ao pé dos ouvidos, dentro deles. Lembrei-me de tia Alzira e do conselho esperto de apertar uma unha debaixo da outra para que a dor fina e concentrada nos fizesse esquecer as dores maiores, filhas da fome e da vergonha. Como o ofício pesado já me comera as unhas, corri a mão até o cilício escondido e apertei-o devagar e firme até sentir a multidão de picadas finas em minha coxa esquerda. O ruído não cessou, é verdade, ainda o ouvi por largo tempo, mas a exaustão venceu a dor e o medo, e acabei adormecendo.

Acordei com o burburinho dos irmãos ao pé da janela e com a cara esquiva de irmão Paulo desviando o olhar, sem saber o que dizer. O estrago maior se dera no canteiro de repolhos. Irmão Lucas orientou-nos a não cortar a última planta mordida, pois, enquanto ela tivesse folhas, não investiriam nas outras. Um boi de piranha vegetal era engenhoso, talvez funcionasse, e assim o fizemos. Inútil. De fato, creio que não largaram o repolho anterior até o último sinal de viço, mas ele todo, gordo que era, não bastou para tanta fome e, na manhã seguinte, não passava de um talo magro espetado na terra. Ao cabo da semana, as criaturas já tinham reduzido o canteiro das

couves a um cemitério de rendas e não pararam por aí. Noite após noite, deram com os dentes nas ervilhas, nas couves-de-bruxelas e nos gerânios. Quando a proximidade do repasto passou a ameaçar o canteiro de rosas do prior, ele decidiu que as orações sozinhas não podiam contra aquilo e que o melhor seria chamar logo uma dessas empresas de controle de pragas.

— “Controle de pragas”, hein? — cochichou irmão Paulo durante a homilia — Se o faraó pudesse contar com isso, babau fuga do Egito, os judeus estariam no cativo até hoje.

A empresa foi chamada e, no dia seguinte, senti a temperatura de minha alma elevar-se em direção ao sol quando o Anjo do Senhor atravessou os umbrais do mosteiro. Ele era o Sol, o Alfa sem Ômega, o ponto escolhido por Deus para concentrar, às vésperas do inevitável fim, tudo o que fosse azul e soubesse a leite e a mel. Ele era. Mas o quê? A beleza, mais do que o belo, o trino sem pássaro, o vermelho da maçã ao alcance da boca, e separada do nosso vazio humano por uma película mínima de éter, de seda. Para tocá-la, desci ao chão:

— Ângelo? — perguntei sem conseguir tirar os olhos da penuagem pueril de seu rosto.

— Não, senhor, Agnelo — corrigiu-me, pronunciando o *gn* à italiana.

— Escreveram errado na guia. Não sei por que ainda deixam irmão Cleto atender o telefone. Meio surdo, sabe, e teimoso, não troca a pilha do aparelho. Deve ter entendido mal.

— Não tem problema, senhor, todo mundo erra, já me acostumei.

— Agnelo. Já tivemos um irmão Agnelo aqui, italiano de Lecce. Lecce ou Bari, não me lembro. Você é da Itália?

— Não, senhor, sou de Piracicaba.

— “♪ Piracicaba que eu adoro tanto ♪...”

— Os canteiros, senhor, onde estão?

— Aqui atrás, meu anjo, vou mostrar. Não gostou da minha voz?

— Com pressa, senhor. Muito serviço hoje.

— É aqui, mas deixa isso de senhor pros outros.

E pisquei. Ele não viu ou fingiu não ter visto. Ou, o que é mais provável, já vigiam entre nós as artes do diabo, o pai da mentira, o azucrim das trevas, o dianho que me fazia ouvir, sem que os lábios do Anjo se movessem, uma falação descabida sobre o excesso de trabalho, os bicos de entregador, os arranjos apressados para o casamento imprevisto com a noiva, ainda mais nova que ele e já no quinto ou sexto mês de gravidez. Anjo com noiva, fecundada por ele... Para se ver até onde subiam as artimanhas do cão. Chegou a lhe emprestar um nome ordinário começado por J, a letra infame que a *Vulgata* nos ensinou a desprezar. *INRI*, pois não? *Temptatio Iesu Christi Latoris Evangelicae Legis*. Quem precisa de ti, ó *lettera* infame?

Voltei ao mundo ao ouvir a fala gritada de irmão Cleto tentando ministrar à minha boca trêmula alguma mezinha amarga.

— Isso é vomitório?

— Ahn?

— Vomitório!

— Não, chazinho à toa do irmão Hermes. Bom pra baixar a febre e acalmar os nervos.

— Mas o que houve?

— Desmaiou. Insoleção, talvez. Ficou no sol vendo o rapaz trabalhar e não aguentou. A idade chega, irmão Jonas, a idade chega... Um desmaio à toa e a gente fica dois dias de cama.

— Dois dias?

— Dois e meio.

Dois dias de cama. Dois ciclos de sol e de lua e nenhuma consciência disso, nada, afora ter a cabeça ainda zozna e a língua amargosa da mezinha. À tarde, já estava melhor, e irmão Paulo veio me trazer os informes da horta. Não eram gafanhotos, mas um tipo minúsculo de caruncho, quase microscópico, capaz de ir e vir sem que ninguém o visse. E, silencioso, fez questão de frisar com o dedo em riste, extremamente silencioso.

— Mas ele volta?

— O caruncho?

— O Anjo!

— Anjo?

— Agnelo!

— Ah!, o rapaz... Não carece, a não ser que a praga volte, o que é pouco provável. O pesticida que ele botou é de amplo espectro, pega quase tudo.

Meu olhar deve ter se perdido no vazio, pois irmão Paulo precisou segurar meu queixo e virá-lo em sua direção para que eu o visse. Ele tentou ficar sério, mas sei que foi a custo que sofreu o risinho enquanto me disparava um conselho:

— Toma tento, irmão Jonas. Não convém a um monge confundir anjos com carneiros.

Como eu esperava, não tardou para que as plantas voltassem a ser roídas. Dentadas finas, é verdade, mais do que antes, quase invisíveis, mas tão certas e seguras quanto a ira de Deus. Chamei a atenção dos irmãos, que se entreolharam em silêncio e continuaram seus afazeres.

— As plantas! Vamos deixar que sejam comidas assim? — e comecei a escovar as mudas novas de repolho.

— Deixa os repolhos em paz, irmão Jonas.

Não deixei e fui levado à sala do prior, que não fez voltas para sugerir que a estafa era prejudicial ao recolhimento e que seria bom se eu passasse uns tempos longe, em Salvador, até na Europa, por que não?, pra desanuviar a cabeça. Respondi que a viagem em si não me desagradava, mas que não seria possível nesse momento. Os irmãos pareciam cegos e surdos e alguém precisava velar pelas plantas. Enfeixei as palavras com amoldo, já que careciam de sinceridade. Gosto das plantas, é verdade, vivi os últimos vinte anos em função delas, mas quem está à espera de um anjo não tem a alma livre para pensar em repolhos.

O prior não se convenceu, mas não desfiei minha retórica a troco de nada. Consegui arrancar dele a promessa de que o Anjo seria chamado caso as plantas amanhecessem roídas. Do contrário, se tivessem

ainda o mesmo viço da véspera, eu aceitaria passar uma temporada longe, com os irmãos de Salvador. Voltei para a horta em paz com meus silêncios. Depois de me cansar dos canteiros, olhei para o céu e perguntei a uma nuvem rósea se meu corpo estaria pronto para se fundir à minha alma. A nuvem não respondeu, mas um bem-te-vi cantou de um galho próximo, e eu sorri ante a sutileza dos códigos de Deus. Não, Ele não despacharia um anjo para a terra em vão. Pela primeira vez na vida, dormi com a certeza de que haveria o dia seguinte.

Não me interessei pelos autos do processo, escritos, como sempre, com as tintas do cão. Foi o advogado quem me relatou de forma sucinta o que constava dos depoimentos dos irmãos. Teriam me encontrado de madrugada no meio dos canteiros, transtornado, seminu, dilacerando as plantas com meus próprios dentes. Disseram que irmão Paulo quis me deter e que acabei fazendo algum mal a ele. Não sei, não me lembro. O que tenho na memória é a sensação de alguma coisa fria e áspera pressionando meus braços como garras de alicate, bicos de arara, e um rosto convulso em que não encontrei, como devia, o selo do cordeiro. Foi quando a ouvi, Ela, a Sexta trombeta, a que não é eco da Quinta nem prenúncio da Sétima, Ela em si, Ela sendo, para o que fosse preciso. Não tive dúvidas: cravei os dentes e a foice na face daquele crápula.

Os rapazes do pavilhão ao lado estavam agitados desde antontem, tramando, maquinando alguma coisa. Hoje botaram fogo nos colchões e saíram das celas empunhando bordunas e faquinhas de lata, das que cortam mesmo sem fio, mastigando devagar o couro do coitado. Já ameaçaram decapitar o diretor. Os carcereiros já desconfiavam e por isso vieram mais cedo essa noite, espreitaram nosso falso sono, apagaram as luzes das celas muito antes do normal. Agora estamos nessa, breu aqui dentro e uns fiapos de luz e de sombra ao longe. Ouvi alguma coisa lá fora, um soar metálico, um sopro de bronze, diferente do estalar das facas improvisadas raspando o amassado das

grades. Ninguém deu por isso, mas eu sei que foi ela, a Sétima trombeta, a que não é eco da Sexta nem prenúncio de mais nada. Já não era sem tempo. Que venha, chumbo azedo e azeite quente a separar os anjos dos carneiros.

Lindovina soube de mim muito antes que eu soubesse dela. Mas que digo? Antes que eu mesmo tivesse a mínima notícia de mim. Antes que me limpasse os olhos sujos de sangue e me cortasse o cordão umbilical, ela já havia inscrito meu nome e a data de meu nascimento em algum nicho obscuro de sua cabeça, capaz de abrigar, enfileiradas, todas as casinhas do Tijuco Preto, onde morava. Preferiu, no entanto, guardar os nomes e as datas de nascimento de todos os que viviam em Lajes ou, mesmo ausentes, como eu, tivessem vindo ao mundo pelo esforço concentrado de suas mãos. Fui um dos últimos, é verdade. Pouco depois veio o hospital, veio o fiscal do ministério, e os meninos passaram a nascer cirurgicamente ou, como tia Ondina preferia dizer, a ponta de faca, e afastaram Lindovina do ofício de parteira, que herdara da mãe e que não pôde repassar às filhas.

Tive a oportunidade de revê-la por ocasião da morte de minha mãe. Cheguei a Lajes pouco depois da agonia, a tempo de me incumbir das burocracias de rua e de deixar tia Ondina livre para as lides do corpo. Humberto, um amigo cineasta que se distraía da falta de produtores caçando histórias para seu eterno novo filme, achou a ocasião propícia e se dispôs a me acompanhar. Embora preferisse a solidão e o silêncio, não me indispus. A viagem seria longa e a possibilidade de nos revezarmos ao volante pareceu-me uma boa oportunidade para dar descanso aos braços e asas ao resto.

Tia Ondina recebeu-nos com o indefectível “descansou”, além de bolinhos de chuva e café ralo. Humberto achou-a abatida, de um pálido amarelado e baço. Não desperdicei o trocadilho e sugeri que ela poderia de fato sofrer do baço, embora soubesse que aquela sempre fora sua cor original, reforçada apenas pelo vício antigo do cigarro de palha. Por vezes, dava respostas tão estranhas ao que perguntávamos que desconfiei não serem apenas de surdez as águas barrentas que progressivamente a engoliam. O juízo já meio virado? Casa de doidos, ouvi mais de uma vez a respeito dos meus. É verdade que a morte de minha mãe, mesmo esperada, devia tê-la abalado profundamente. Viviam juntas desde que meu pai sumira no mundo, deixando-nos ao léu ou, o que minha mãe preferiu, ao abrigo do velho casarão. Não fosse a incerteza acerca da idade de Lindovina, seria agora, oficialmente, a mulher mais velha de Lajes.

Findo o café, perguntei-lhe meio sem jeito se o túmulo já havia sido aberto. Respondeu que tudo estava pronto, ela mesma abrira os quartos de baixo para que respirassem um pouco e já arranjava colchas, travesseiros de paina, cobertores. Que pedíssemos mais, sem cerimônia, se o frio apertasse. A percepção rápida de que ela falava não do túmulo, mas dos quartos em que ficaríamos, no andar de baixo, onde antes havia parte dos porões que corrigiam o desnível da rua, não diminuiu o estranhamento que nos causou. Era como se passássemos de súbito e sem aviso para o outro lado da bolha. Vi que Humberto engolia em seco e tentei aliviar-lhe o desconforto contando que eu e meus primos nos divertíamos ali nesses quartos imaginando o casarão como um enorme navio de tábuas rangentes, e nós, os audazes intrusos que seguíamos incógnitos em direção à América. Veria como o capitão, às cinco e meia em ponto, caminharia com firmeza sobre o convés, da proa à popa, antes que minha mãe, digo, algum marujo, viesse nos chamar para a missa das nove. Humberto sorriu sem muito ânimo. Perguntei se não gostara de nossa brincadeira e respondeu que sim, que era ótima e que ficava feliz por eu ainda estar vivo. Franzi as sobrancelhas e ele, já esperando meu questionamento, esclareceu:

— Quem viaja no porão não costuma chegar vivo.

Desfiz as malas e decidi sair logo à caça do médico, do tabelião e do coveiro, sem os quais não se passa para o outro lado sem algum enrosco. Humberto, alegando aversão filosófica aos três ofícios, não quis me acompanhar. Preferiu, e dei-lhe razão, fotografar a cidade, os recortes dos telhados altos contra a serra, as aleivosias do tempo, a espera quieta e cúmplice dos velhos e das avencas. Contava fazer tudo em menos de duas horas, terminando pela ida ao cemitério para a abertura do túmulo. Tia Ondina tentou dissuadir-me dessa última tarefa por julgá-la desnecessária. Bastava escolher a urna e o Dimas cuidaria do resto. Aleguei que alguém da família precisava autorizar a abertura, o que a fez rir e gracejar perguntando se lá mesmo no túmulo já não haveria gente o bastante para isso. Creio que sua vontade era chamar-me de sistemático, como diziam de meu pai, mas não foi tão longe.

Encontrei doutor Carlos já de prontuário em mãos, lavrado e assinado, pronto para ser entregue pela quantia módica de ouvir-lhe o enfadonho discurso sobre a necessidade de seguirmos adiante, nós, que aqui estamos e ficamos, e eles, que avançaram na espiral luminosa do saber. Compreendeu que eu não quisesse ver o corpo àquela hora, afinal, só matéria, como ele mesmo disse piscando o olho esquerdo. Embora me entediasse, não me aborreci, sobretudo porque se dispôs não só a procurar o tabelião para os trâmites burocráticos, como a fazer o anúncio fúnebre na igreja. Mais tarde, Tia Ondina me explicaria o teor das falas e a natureza do gesto. Desde que dera para ser espírita, começara a perder clientes e se esforçava por manter um pé ou mesmo os dois na igreja, pondo esmolos no cofre das almas, cantando bingos, até varrendo a sacristia, para terror das beatas e alegria do sacristão asmático. Como era dos primeiros a saber das mortes, estava se especializando nos anúncios fúnebres, em que metia, o safado, mensagens sujas que a ela, Ondina Maria da Cruz, não enganavam.

Dimas também já me esperava, enfiado no sobretudo escuro que oficializara como uniforme de trabalho. Era um homem de fisionomia adunca, magro, comprido e recurvado do nariz à ponta dos pés,

e a coluna em sifão, herança do ofício, não lhe estragava a estatura épica, impressionante nesta terra de medianias pouco orgulhosas. Notei que não tinha cabelos nas ventas ou nas orelhas, como alguns se esforçavam por ver e como eu mesmo via quando criança. Tendo iniciado a vida como coveiro da paróquia, acabou assumindo não só a administração do cemitério, mas tudo que lhe dissesse respeito, da construção de caixões à paramentação de defuntos. E, o mais difícil, aprendeu a cuidar dos interesses dos vivos sem confundi-los com os dos mortos. O reconhecimento público da importância do ofício rendera-lhe, por fim, um soldo mensal confortável e uma cadeira de vereador. De pouco falar, conduziu-me com gestos para os fundos de sua garagem para que eu escolhesse não o caixão, palavra impronunciável nesse momento, mas a urna. Na verdade, foi ele quem acabou escolhendo, provavelmente a mais cara, que apontou justificando com um “mãe é mãe” ou algo do tipo. Concordei, para não discutir, e propus que fôssemos de uma vez ao cemitério para a abertura do túmulo. Ele estranhou e, com palavras quase iguais às de tia Ondina, disse-me que não era preciso, que bastava marcar a hora e tudo estaria pronto, à espera. Insisti que não, que fazia questão de ver o túmulo antes, mesmo porque todo o resto já estava resolvido e tinha tempo de sobra. Ele deu de ombros e pediu que o esperasse na rua. Voltou pouco depois, o tempo apenas de engomar os cabelos e pendurar na cintura o molho de chaves barulhentas que o anunciavam de longe.

Na verdade, pouco me importava a abertura do túmulo. O que me guiava mesmo era o desejo de rever Lindovina, de experimentar, tantos anos depois, se sua memória monumental ainda seria uma das glórias goradas da província, tão dada ao esquecimento. E lá estava, sentada na escadinha do cemitério, no degrau de sempre. Embora não a visse havia muito tempo, não me pareceu muito diferente, nem mesmo mais velha. Ninguém sabia ao certo sua idade, algo entre 77 e 70 vezes 7, nenhum ano a mais, nenhum mês a menos. Estava mais magra apenas, deixando ver, em volta de seu quadril esquelético, os sulcos que seu corpo, anos a fio, fora esculpindo na cantaria encardida.

— Sempre sentada aí? perguntei ao Dimas, que apenas meneou afirmativamente a cabeça, com indiferença, como se nem desse pela presença da velha. Lindovina tinha os olhos fechados, mas não parecia dormir. Tinha, antes, o aspecto concentrado e estático de quem vela. Preferi deixá-la em paz e avançamos por entre ruas e vielas que traíam, a cada passo, a dedicação ferrenha de Dimas ao ofício. Tudo arranjado com aprumo, com um esmero que não se vê com frequência entre os vivos. Já tinha quase me esquecido de como o sol se põe cedo em Lajes, coado antes da hora pela espinheira alta da serra. Àquela hora, já não era sem algum esforço que os últimos raios, atravessando as acácias, topavam com as cruces e projetavam sobre os túmulos uma confusão de sombras que se misturavam sem cerimônia. Alguns fiapos de luz, filtrados pelos vidros dos mausoléus, respingavam sobre a cal branca dos túmulos rasteiros e lhes conferiam um colorido alegre de gelatina. Humberto deveria ter vindo comigo. Era teimoso, mas ainda podia aprender que cinema se faz com luz e com tempo, mais do que com histórias.

Contornamos a capela e topamos, por fim, com o túmulo de minha família, que já estava aberto. Voltei-me para o Dimas, que estava impassível, como sempre. Perguntei se tia Ondina dera a ordem de abrir e, se não dera, por que estava daquele jeito. Pediu licença a quem? Ao velho Cruz? Aos outros que moravam ali com ele?

— Respirando — respondeu em ríspida surdina, como quem se irrita por ter de dar respostas óbvias a um insolente.

Falei em falta de respeito com a família, com os mortos que ali estavam, com Deus e com o diabo. Com minha mãe, enfim, que nem esfriara. Se calhar, tinha aberto o túmulo com ela ainda viva. Em vão. Dimas parecia nem me ouvir, recompondo no túmulo ao lado um canteiro de margaridas.

— Amanhã, então, às dez em ponto? — desfiei, para abreviar o desconforto.

— Tudo estará pronto — respondeu sem se voltar, entretido com as margaridas, sério e solene como um relógio que bate ave-marias.

Amuado, retornei pelas mesmas vielas sem notar que as sombras das cruzes já dançavam no chão de terra batida. Na saída, reparei que Lindovina tinha os olhos abertos e decidi testar-lhe a memória prodigiosa:

— Lindovina! Você se lembra da minha mãe? Dona Joaquina Maria da Cruz, filha do Zezinho, irmã da dona Ondina...

— Três de julho, mil novecentos e quarenta e dois. Seis horas da tarde. Ângelus. Frio frio que fazia.

— E de mim? Alexandre, filho de Joaquina?

— Três de setembro, mil novecentos e cinquenta e oito. Meio-dia. Hora sexta. Calor morno que fazia.

Sorri de sincero contentamento, louvando a precisão milimétrica das respostas e o conforto calmo de ouvir o que é óbvio. Ao menos a memória, enfim, sobrevivia em meio aos destroços.

A ambulância não tardou a chegar com o corpo. Os ajudantes do Dimas vieram no encalço e, enquanto se incumbiam de arranjar a sala da frente para o velório, tia Ondina fechou-se com a irmã no quarto que dividiriam pela última vez. Não quis ajuda senão para colocá-la em seu último leito, lavada e vestida a rigor, com o terço habilidosamente incrustado nas mãos já crispadas e rígidas. Humberto, que voltara da rua com poucas fotografias e nenhuma história, acompanhou de longe a movimentação da sala. Vi que estava tentado fotografar aquilo tudo, mas não o fez, mais por receio do que por respeito. Acabamos ajudando tia Ondina a desemperrar uma das janelas da sala, fechada desde a morte de minha vó. Comentei que não me lembrava de vê-la aberta senão em velórios. Tia Ondina concordou, fazendo uma ressalva:

— Também se abriu para o casamento de sua mãe. Agora vamos deixar assim de vez.

Tanto melhor, pensei, aliviaria a morrinha de vela que já se concentrava. De resto, a movimentação esperada, o entra e sai de gente, os apertos de mãos, o desfile de rostos saídos não se sabe de onde nem de quando, todos estranhamente familiares, mal escondendo,

sob disfarces de rugas, a alegria e o alívio efêmero de quem ficou para a próxima. Leninha, que viera ajudar com o café e o resto, velaria de madrugada para que dormíssemos um pouco. Acordamos às cinco e meia da manhã com as tábuas do assoalho rangendo sobre nossas cabeças. O capitão? Perguntou-me Humberto. Não, apenas tia Ondina indo esvaziar o penico no quintal. Crescera sem saber o que era ter banheiro dentro de casa e não conseguira se livrar do hábito.

Fez-se a encomenda da alma às nove e meia, como acertado. Tia Ondina não quis que doutor Carlos discursasse, e concordei com a recusa. Como o cemitério era próximo e as mãos abundantes, dispensou-se o carro funerário. Tia Ondina, alegando não poder deixar a casa vazia, não acompanhou o cortejo. Vi que apalpava algo miúdo no bolso de trás da saia. Ia fumar a morte da irmã. Tomei uma das alças da frente, como me cabia. Humberto seguiu a uma distância discreta, aprendendo a fotografar sem câmeras. Vi quando notou a presença curiosa de Lindovina na escada, acompanhando como um girassol a passagem do caixão. Por obrigação do costume, cabia a mim esperar ali até que o Dimas desse o último retoque de cimento e indicasse com um gesto sutil de cabeça que o serviço estava feito. Humberto, escudeiro, acompanhou-me até o fim. Na saída, chamei-lhe a atenção para Lindovina, que já observáramos na entrada.

— Quer ver o que é memória? Lindovina? Lembra-se de mim? Alexandre, filho de Joaquina?

— Três de setembro, mil novecentos e cinquenta e oito. Meio-dia. Hora sexta. Calor morno que fazia.

Sorri triunfante, mas Humberto não se convenceu. Não era grande coisa e, no mais, podíamos ter combinado na véspera, quando vim ao cemitério. Insisti, para contraprova:

— E Joaquina, minha mãe?

Para meu espanto, apenas deu de ombros e encurvou a boca num U invertido, em sinal de absoluto desconhecimento. Interrompi o olhar de cínico triunfo de Humberto perguntando:

— E minha tia, Ondina Maria da Cruz? Lembra-se dela?

— Vinte e nove de agosto, mil novecentos e trinta e dois. Três da tarde. Hora nona. Friagem seca que fazia.

Levamos o empate a tia Ondina, que não o desfez, mas o esclareceu. Quando despacharam Lindovina do ofício de parteira, ela percebeu que estava com a cabeça cheia demais e resolveu limpá-la. Como não queria se esquecer dos vivos, sentou-se naquele degrau do cemitério e passou a esquecer a existência dos que ali se enterravam. Mas só desses. De um filho dela, que mataram em Mato Grosso e que lá se enterrou, não se esqueceu. A ideia aterrou-me um pouco, pois corria em Lajes a lenda de que Lindovina era imortal, e, como já tinha me decidido a ser cremado, ela jamais veria meu féretro passando por aquela escada, por aquele portão. Estava definitivamente condenado, como um quisto, a vagar em sua memória de pedra.

Nos seis meses seguintes, as obrigações do inventário levaram-me mais duas ou três vezes a Lajes. Tia Ondina parecia não se recompor da perda da irmã e definhava a olhos vistos. Minha piada sobre o baço, tão sem graça, podia ser real e me constrangia por dentro, ainda que a tivesse contado apenas a Humberto. No último retorno, convidei-o para mais uma jornada a Lajes, a que lhe traria, enfim, a grande história. Ele riu e dispensou o convite alegando já ter encontrado o mote que buscava, algo sobre um mágico que serrava donzelas de cima para baixo em busca de sua cara metade.

— O Mojica já não fez isso não? Isso é Zé do Caixão, Beto — brinquei, a ver se o dissuadia da ideia, mas não consegui. Soube depois que ele estava era fazendo um bico como câmara em um comercial de refrigerantes. Compreendi, então, como compreenderia agora. Nem só de pão vive o homem, mas de palavras e de guaranáis.

Encontrei tia Ondina já não propriamente amarela, mas embranquecida, pálida de cera. Perguntei se estava indo ao médico, como devia, e ela respondeu com um movimento indiferente dos ombros. Serviu-me café ralo, sem bolinhos, e não fez nenhuma recomendação, nenhum pedido especial de reza ou de flores quando anunciei que ia ao cemitério. Como antes, não fui para ver o túmulo da família, mas

para rever Lindovina. Diferentemente das outras vezes, pareceu-me muito mais envelhecida. Lembrei-me do velho adágio: preto quando pinta, três vezes trinta. Nonagenária, enfim? Ao entrar, perguntei-lhe sobre meu nascimento e ela respondeu com a exatidão de sempre, sem titubear, embora a voz soasse um pouco mais surda que das outras vezes. Pelo menos a memória ainda se salvava em meio aos escombros do corpo. Com essa certeza frouxa, avancei por entre os túmulos como se passeasse em um bairro de conhecidos, acenando para uns, recebendo o aceno de outros, do coronel que deixou um braço no Paraguai, de padre Pio e sua coleção de ex-votos, dos três anjinhos levados pela gripe espanhola, de minha mãe.

Na saída, pressenti que aquele poderia ser meu último contato com Lindovina e sua memória e decidi gozá-lo uma vez mais. Perguntei-lhe sobre tia Ondina e estremei ao vê-la dando de ombros e recurvando os lábios para formarem, invertidos, a mesma boca em U de quando apagara da memória a existência de minha mãe. Afastei-me aos poucos, sem dar as costas a ela senão depois de uns dez passos ou mais. Apesar de os joelhos me doerem, segui em ritmo acelerado, tentando não associar a frieza que tomava minhas mãos à estranha palidez de tia Ondina. A meio caminho, ocorreu-me que tudo poderia não passar de um equívoco. Talvez Lindovina não tivesse me ouvido direito ou a memória prodigiosa começasse enfim a falhar. Três vezes trinta, nonagenária. Voltei até lá e já não a encontrei no lugar de sempre. Apenas, nos degraus, o baixo relevo que seu corpo magro esculpira ao longo dos anos, como um sudário de pedra. Do outro lado da rua, um vizinho abobado revezava o canivete entre uma laranja seca e um naco de fumo. Na falta de outro, perguntei-lhe de Lindovina.

— Lindovina?

— Estava aqui agora mesmo.

— Lindovina? Agora mesmo? Olha, moço, isso não pode ser. Teve missa dela ontem. Faz uma semana que enterraram. Eu falo porque fui nos dois, no enterro e na missa.

Aterrado, corri à casa de tia Ondina, a única que sempre soube lançar luz quando mais nada parecia fazer sentido. O portão pareceu-me muito mais enferrujado do que quando saíra, e, de fato, não cedeu nem quando tentei deslocá-lo com o ombro. Toquei a campainha repetidas vezes, bati palmas, chamei. Surda de vez – pensei – ou doída. Casa de doidos. Mas a maresia morna que habitava os porões da casa, o enorme navio, parecia dizer outra coisa. Beto tinha razão: quem viaja no porão não costuma chegar vivo. Ninguém veio me atender.

## MORCEGOS NÃO GUINCHAM

---

Sem que eu perguntasse, informaram-me que o Trinca-Ferro dera entrada na Santa Casa de Misericórdia ainda de madrugada, com edema agudo do pulmão esquerdo. Agonizante, já estaria, ao que parece, em algum ponto difuso entre as últimas desse mundo e as primeiras do outro. No corredor vazio, a caminho do quarto, pude reconhecer, embora desbotado, o velho quadro da enfermeira pedindo silêncio a todos e a ninguém, o indicador em riste, os lábios entrecortados, nascidos para não se mover ante o eterno. Em obediência à figura, esforcei-me para que até a memória, que me tomava pelas mãos, não desse, ela mesma, um pio sequer. E com ela fui, pela noite dos tempos, até o dia em que pela primeira vez dirigi a palavra ao Trinca-Ferro.

Encontrei-o onde me disseram que estaria, sentado à soleira da porta de sua pequena oficina, como se olhasse sério para coisa nenhuma. Míope ao extremo, quase cego, corria a lenda de que sua audição, como um sonar, orientava-lhe a existência numa relação inversamente proporcional à acuidade frouxa dos olhos. Quanto menos enxergava, mais reconhecia a densidade do ar ou a queda de um alfinete a quilômetros de distância. Consta que, como Olavo Bilac, conversava com estrelas sem que jamais as tivesse visto.

Sem fatalismos, especializou-se nos ofícios em que a visão lhe faria pouca falta: revelador de fotografias, afinador de instrumentos, paramenteiro de defuntos e o que me levou, enfim, a procurá-lo: caçador de morcegos. Expliquei-lhe que andavam infestando o forro da

casa de minha vó, que se enervava com o ruflar miúdo das asas e com as incursões dos bichos pelos cômodos. O vô, coitado, preso na cama, delirante, já nem dormia só de imaginar os dentinhos finos furando-lhe a pele do pescoço, chupando o pouco caldo restante e, o pior, com uns guinchos agudos de escárnio, como se rissem do nosso medo.

Interrompeu-me nesse ponto com a voz delicada de fole frouxo, quase sumida, que lhe valera, por ironia, o apelido de Trinca-Ferro:

— Meu filho, a você, que é bom, vou ensinar uma coisa: morcegos não guincham, soltam apenas um soprinho fino antes de morrer.

E prosseguiu, com ar discretamente professoral, informando-me que as vozes dos animais eram muitas, dos grasnos soltos dos gansos à blateração gaga dos camelos. Que os cães, como os lobos, podiam latir, ladrar, ganir, rosnar e infernizar; que mesmo os gatos, menos expansivos, podiam miar, gemer, roncar, ronronar, infernizar. Mas morcegos não. Morcegos, não tendo o que falar, não falam. Soltam, sim, um arzinho fino e agudo ao final deles, em saudade do voo que já não voam.

Aceitou a tarefa pelo preço do costume, ou seja, pelo que o coração e o bolso do cliente mandassem. Para equilibrar um e outro, coração e bolso, ajudei-o a carregar a parafernália, mais estranha que numerosa: feixe de bambus verdes, tarrafas de pesca, laçarotes e redes de todo tipo e o bolo de pequenos embornais em que os meteria, um por um, sem receio, à guisa de mortalhas. Ensinou-me a estranha técnica, extremamente simples e eficiente: balançar os bambus na entrada do forro, sem descanso, na hora exata em que eles fossem lá se meter.

— Pra frente e pro lado, meu filho, vai e volta, sem parar, o oito sem fim.

Desorientados, os animaizinhos erravam a entrada do ninho, chocavam-se contra a parede e iam ter ao chão, onde emitiam o ruído final a que Trinca-Ferro se recusava a dar o nome de guincho.

— Ouve o soprinho fino, meu filho, só o soprinho.

O que ele não sabia nem saberia é que de certo modo eu já o conhecia, não pessoalmente, é verdade, mas diluído na multidão de

moleques que lhe atormentavam a vida e os telhados com pedras e palavras: *Trinca-Ferro, Trinca-Ferro, cegueta, morcego velho...* A resposta, que nos levava ao delírio do riso, vinha sempre na forma tímida e paradoxal de um grito em surdina, o máximo talvez que sua voz de ventríloquo fosse capaz de dar.

Miúdo por natureza, seu corpo, em concha, quase sumido entre o branco amarelado dos lençóis, pareceu-me agora uma estranha orelha à qual tivessem ligado um tubo de soro. Um filhote de trinca-ferro preso ainda ao ninho, antes que lhe ensinassem as manhas do voo e do trino. Não me reconheceu de imediato. Não nos víamos havia pelo menos dez anos, desde o enterro de minha mãe. Esteve no velório, ajudou com as flores e com as velas, e ajudaria com o caixão, se o número de mãos não fosse suficiente. Minha mãe guardava-lhe certa amizade e gratidão pelo zelo com que a ajudara a cuidar do marido, algo raro nesta terra de muitas línguas e poucos médicos. Falava-me sempre com viva alegria da missa que dedicaram ao Trinca-Ferro quando este se aposentou do ofício de sacristão, o único estável em toda a sua vida. O mais dos dias, passou-os na mesma oficina miúda de sempre, cada vez mais apinhada de coisas e de pó. Mais do que este, o marasmo dos dias infinitos e a angústia das noites acesas levaram-lhe o resto de saúde que ainda tinha nos pulmões.

Perguntei-lhe se ainda se lembrava de quando fora à casa de minha vó caçar morcegos e de como me ensinara que morcegos não guincham.

— E o menino não queria acreditar. Inda hoje é capaz que não.

Concordei e comecei a rir. Ele riu também, talvez como há muito já não o fizesse e mais do que seria recomendável em seu estado de saúde. Tossiu secamente, revirando os olhos como quem busca o que já não há. Fiquei sério e fiz menção de me levantar para buscar ajuda, um médico, um auxiliar, uma enfermeira que não fosse a do cartaz. Ele insistiu que não, que era coisa à toa, e reteve-me pelo braço com tão inesperada força que acreditei ser verdade. De qualquer forma, não insisti na conversa, para que não se esforçasse.

Tossiu ainda algumas vezes, sorri outras quantas e me despedi. No corredor, o quadro da enfermeira cumpria com extrema eficiência a sua sina de calar a boca ao ingrato mundo. E, de fato, tudo estava quieto, obedecendo ao seu gesto de gelo. Apurei os ouvidos como se buscasse perceber ao longe a densidade do ar, a queda de um alfinete, o pulsar de uma estrela. Nada. O que ouvi, quase em surdina, a uma distância que não se mede em metros, foi a respiração do Trinca-Ferro, cada vez mais lenta, cada vez mais fina, quase um gemido. Estava começando a guinchar.

## UM ANJINHO LAICO!

---

Em um canto escuro da sala, o mesmo em que penduraram para lustro d'alma bengalas e espingardas, recostou-se também Etelvino Junqueira de Albuquerque. Parece que chorava. Um rapagão, bacharel recente, tão logo metera o pergaminho no alforje, o rubi no dedo e o óleo de coco nos bigodes, foi aceito às hostes científicas da Casa, o que era para poucos, nenhum, aliás, tão jovem quanto ele, dadas as rigorosas e saudáveis exigências feitas e anotadas no Livro a pena de ganso e legítimo chino nanquim.

A intolerância invejosa de certos membros havia posto a Casa em polvorosa ao levantar dúvidas quanto à legitimidade da permanência de Etelvino entre eles. Ainda que nascido de um tronco robusto em cobres e limpidez de corpos, alegava-se que já não possuía a indispensável descendência própria, prova cabal da perpetuação positiva do positivo sangue. Vinha-se, aliás, do enterro de seu primeiro e único filho, morto precocemente aos dois ou três meses de idade, de crupe ou de tifo, do que se dissesse, como sugeria o disparate do enorme caixãozinho branco, ornado e lacrado, que não se abriu nem a sumos pedidos. A mãe, chorosa, enfurnara-se na cama, à espera da morte, não de melancolia ou de banzo, como especularam alguns crentes, mas da má fumigação desses ares.

No ponto e tempo em que achamos o recostado Etelvino, discutia-se justamente o seu caso, se dele mesmo, de sua figura algo esquelada, como só agora notavam, não poderia ter decorrido o recente fim

de sua família. Como regia a Universal Filosofia dos tempos, escoregaram do específico para o geral, lamentando sem lágrimas os pares de braços que a República indistintamente ia perdendo, dos finos, para penas de ganso, como os da Casa, aos brutos, para o manejo de pedras e arados. Um impertinente levantou a hipótese de que o próprio Etelvino, em sua infância não tão distante, poderia ter padecido também de crupe ou de tifo, tendo conservado em suas sementes algum resquício do mal, algum dado contagioso e atávico furtivamente incubado na seiva podre com que moldara o filho.

— Vejo semelhança entre esse caso e o exemplo clássico do endurecimento do calcanhar humano. De tanto pisarmos a aspereza do solo, experimentamos um processo de enrijecimento cutâneo, e quando damos ao mundo nossos rebentos, lá vêm eles já com os calcanhares algo rijos, não prontos, mas próprios para o chão. Ora, diante disso, quem será contrário ao fato de que passamos para nossos filhos os dados que adquirimos?

Em meio ao burburinho de aprovação, o presidente tossiu em alarme, lembrando, pela ordem, que as discussões sobre a transmissão genética de caracteres adquiridos, embora promissoras, foram desencorajadas, e mesmo proibidas, desde que o coronel, em processo urgente, fora admitido à Casa. Protestou-se, à época, mas a tarefa urgente de se reformar o telhado exigia vontades bobas e bolsas grandes, e o coronel, como poucos, era bem-fornido de tais virtudes. Veterano do Paraguai, de lá voltara com um olho murcho, uma perna arriada e um braço a menos, o que não o impediu de se casar com a mais cobiçada das primas e ter um mimo de filha, a quem, por pirraça, deu o nome de Eugênia. A maledicência do vulgo andou espalhando que também ela tinha imperfeições de olhos e pernas, mas, como atesta a Ata da Sessão Secreta em que se discutiu o caso, tudo não passava de confusões invejosas da parte de quem via.

Calando o burburinho indistinto com seu costumeiro bordão, a voz possante do coronel ribombou pela primeira vez naquela noite:

— Tenho uma filha que se chama Eugênia e não é manca nem vesga!

Tomando-o pela única e trombuda mão, o presidente da Casa conduziu-o até a cadeira de balanço, onde por vezes se entronava para desforra imaginária da antiga monarquia, dos ingratos que não lhe concederam suficientes medalhas em paga dos serviços patrióticos prestados, do olho murcho e do braço que no Paraguai ficou, dando adeus a nada e a ninguém. Em pouco tempo, ressonava como uma criança idosa. Salva a situação, repuxou-se a conversa para a pauta que ali os trouxera:

— O caso é que estamos em um país de carolices, não estão prontos para a positiva religião, não entendem o que seja a luz da verdade. É nos distrairmos e embrenham-se indistintamente por grutas de Fátima e selvas de Guiné. Para tudo acendem velas, contam contos, defumam cachimbos, pedem perdão.

— E devemos por isso fingir uns fumos de negrice? De paiaíá do mato? De campônio da Cova da Iria?

— O caso é de piedade para com os que, diferentemente de nós, não estão prontos para a secularização da vida. Primitivos, não vê? Suas almas são alegóricas, preferem o tato ao silogismo.

— E o Cavaleiro, digo, Cavalheiro, ousa propor a piedade?

— Ouso propor que usemos a piedade em nosso favor; fingi-la, se preciso; acariciá-la, se a carícia nos trazer louros. Veja o caso dessas crianças que morrem cedo, como esse filho de Etelvino: dizem que são... anjinhos... — e não se conteve diante do rebuliço de raiva e riso que se espalhou pela sala.

— Anjinhos!

— Anjinhos...

— Senhores, senhores! O presidente, pela ordem! Penso que a ocasião pede sim um debate, mas que não morra aqui, como morreu o objeto mesmo da análise. Para isso, proponho que se dê à luz um novo tomo de nossa série científica, encabeçado por um editorial que

tenho pronto, com um breve histórico da Casa, um miolo de artigos gerais que já dormem em nossos arquivos, à espera do prelo, e um artigo especial, um fecho de ouro!

— Mas o quê?

— Um artigo coletivo, a doze mãos, digo, onze... digo... não importa, um artigo sobre como estamos perdendo braços por causa da má fumigação desses ares. Comprovaremos a positividade do caso citando esse filho de Etelvino. Será a piedade, mas a humilhá-los, sem que se deem por isso! De quebra, sossegaremos o ânimo alimário desses moleques que a mando dos pais e do padre vêm sapecar de pedras nossas vidraças. E a esse corpo que acabamos de enterrar, vamos chamar de anjinho. Pérolas aos porcos, meus caros! Um anjinho!

— Um anjinho?

— Um anjinho! Digo que um anjinho!

— Pouco positivo! — redarguiu o secretário, cioso de suas atas.

— Um anjinho não como ser, mas como símbolo, o que em si reúne e só. Eles, que não passam da casca das coisas, baterão algumas palmas; nós, em profundidade, vamos à colheita dos louros.

Como não chegassem a um acordo, o presidente propôs uma antecipação do intervalo costumeiro, na esperança de que o chá de erva-cidreira amolecasse algumas vontades de pedra, como de ordinário o fazia aos biscoitos dormidos. Trinchado o último pedaço, reconduziu os trabalhos expondo o esqueleto de sua proposta.

— Senhores, eis o andaime do edifício, ou seja, nossa tábua de matérias:

*“Editorial: Fraternidade & Ciência – breve histórico da Casa e de seus \*\* anos em prol da luz da verdade”* (pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da Casa).

*“De como os árabes, mesmo porcos, legaram-nos a impermeabilidade higiênica dos azulejos”* (pelo Excelentíssimo Senhor Doutor em Higiene e Saúde Pública).

*“De como minimizar as deficiências alimentares e estimular à la fois a desaffricanização do povo – subsídios à substituição da carne de porco*

pelo rosbife (“o tom rosáceo que nos empresta às fauces!..”), do azeite de dendê pela manteiga francesa (“da Borgonha, sobretudo, onde os animais nutrem-se de líquen e relva orvalhada..”), e da garapa de cana pelo chá preto (“ministrado em certas e disciplinadas horas.”) (pelo Excelentíssimo Senhor Comendador dos Secos & Molhados).

“Das exatas melhorias trazidas pela conservação dos víveres em gelo, desde que da América do Norte o trouxe o vapor Madagascar” (pelo Excelentíssimo Senhor Engenheiro Civil e Secretário de Vias Públicas).

“Um anjinho! – da real relação entre a perda de braços e a má fumação dos ares” (pelos membros da Casa).

Em meio a aplausos tímidos e apupos desvairados, o falatório geral retomou de assalto a sala, mergulhando tudo em um brejo indistinto de bochichos e muxoxos. Sobrepondo sua voz à grita geral, o impertinente secretário, cujo braço jamais se torcera, propôs enfim uma fórmula conciliadora:

— Vá que seja um anjinho, mas laico. Um anjinho laico!

Diante da aprovação geral, a expressão, como convinha, *um anjinho laico*, tomou assento no Livro aos vinte minutos mais tantos segundos daquele onze de maio de 19\*\*. Uma aragem calma descia da serra, atestando a excelência do clima, capaz de vergar os fracos e vicejar os fortes, tanto quanto os deuses e o mármore. Um pássaro lindo e invisível cantou, escondido em seu ninho, onde plantara, após breve namoro, ovos e filhotes. O coronel, despertando de um suave pesadelo, fez ressoar uma última vez sua trombeta destemperada, certo de que o rio local, cujas gotas deságuam no Prata, levaria até o braço amputado um eco qualquer de sua única mensagem:

— Tenho uma filha que se chama Eugênia e não é manca nem vesga!

Em um canto escuro da sala, em meio a bengalas e espingardas, pergaminho no alforje, rubi no dedo e óleo de coco nos bigodes, Etelvino Junqueira de Albuquerque, posto que um rapagão e bacharel recente, chorava.



## STROKE, STRIKE

---

### STROKE

Um socorrista disse pro outro que devia ser início de infarto e eu sorri aliviada. Os meus não morrem de infarto, nunca foram disso. De derrame sim, de AVC, como se diz agora. De *stroke*, palavra que eu não esqueço. De vez em quando, até o verbo *to be* me escapa e acabo soltando um *you is*, um *we was*. Mas essa não, *stroke*, derrame, regra que a natureza nos deu e que seguimos com diligência e disciplina. Neste mundo e no outro. Se alguém se abeirasse da antiga carneira dos Fonseca em Cachoeira da Barra e gritasse: *derrame!*, veria doze bracinhos de caveira dando uma banana à eternidade e se levantando às pressas pra responder a chamada: *presente!* Doze derrames, nenhum infarto. Disciplina e diligência. Os nossos. Posso sorrir aliviada.

Mas pra onde estão me levando? Pro Hospital do Servidor não é, não teria que dar essa volta toda, era só descer direto pela Lacerda Franco, ladear o cemitério, cruzar as duas vilas, a Mariana e a Clementino, e pronto, quase lá. Ou é contramão? Não, não é não, a Lins de Vasconcelos é que vai pra cima, e pra ambulância não tem isso, tudo é mão, carece só de ligar a sirene e ir abrindo caminho pelas veias da cidade. Profissão boa, motorista de ambulância. Diz que o safado do Maluf andava de ambulância pra cima e pra baixo pra não ficar parando no trânsito. Maluf ou Adhemar de Barros? Tanto faz, tudo igual, tudo safado, tudo gente que sofre de gota e morre de câncer.

Mas pra onde, meu Deus? Perguntar não adianta, que esse pessoal de branco não responde. A gente é boneco de mola na mão deles. Esse pelo menos percebeu meu esforço e me ajudou a erguer o tronco. Ir deitada não presta, a gente só vê topo de prédio e o tempo não passa. E ele gostou, deu até um sorrisinho quando apoiou minhas costas com as mãos de luva, como se por causa delas é que eu continuasse viva. Bocó! Não é assim não, rapaz! Estou aqui, mas vivinha da silva, com muito lenço e mais documento do que você imagina. Infarto, ora essa! Como se isso me levasse. Eu vou, mas é da secretaria pra inspetoria. Só estou esperando a vaga sair pra eu subir e me aposentar com ordenado gordo. Daí vou passear, vou pra Itália, onde molho é molho, e não essa água suja de massa de tomate que eles usam pra lambuzar polenta na Achiropita. Só a Linda mesmo pra me arrastar pra lá. Imagina, encarar fila de gente feia pra pegar polenta dura e fria.

— Mas o moço que serve é um pão, Dorò!

— Tem dó, Linda, se eu quisesse pão eu comprava na padaria!

Mas isso não anda, gente! Só aos solavancos mesmo. Motorista lerdo, pior que menino novo engatinhando em ladrilho. Também, é tanto carro que o coitado não dá conta. Mais que o normal. Acidente, será? Não, se fosse acidente eles deixavam a ambulância passar só pra ver o motoqueiro esmigalhado na maca. Acidente hoje em dia é isso, motoqueiro embaixo de ônibus. E acidente vascular, como o que um dia vai inundar a minha cachola. Que palavra gozada, cachola! Mais que gororoba, que também é boa. Gosto de palavras assim, com ó forte e á fraco: cachola, gororoba, uma ova. Uma ova nem é palavra, mas na gororoba da minha cachola é o que sobra. Uma ova, uma ova. Acho até que sorri, porque o rapaz sorriu de novo, como quem responde que a blague foi boa. Blague. No tempo do francês é que devia ser bom, o sujeito contava umas blagues, cantava *La vie en rose*, e pronto, aula dada. Enrolação? *Oui, madame*, mas com charme. Não é o que importa? Neste mundo tão feio e tão bruto, é bem capaz que sim.

E aquela cúpula dourada lá embaixo? Cúpula com cruz, feito desenho de criança. Igreja grande. A igreja ortodoxa. Igreja ou catedral? Sei lá, não é católica, tanto faz. Diz que não fazem gritaria de crente e têm comunhão com pão e vinho de verdade, servido com caçarolinha e concha, feito um ponche. Será? Não sei não. Ia encher de mendigo e cachaceiro. Na católica já enche. Azar deles. Mas ficou lá embaixo. Então era pela Vergueiro que a gente vinha e eu nem me dei conta. Meu olho esquerdo continua miserável. E foi pela esquerda mesmo que a gente entrou. Bernardino de Campos, então, nessa altura não tem outra. Caminho da Paulista. É pras Clínicas que estão me levando, só pode. Com professora é assim, se não levam pro Hospital do Servidor, levam pras Clínicas. Nem perguntam se a gente tem plano. E pra eles eu sou professora mesmo, não tem isso de secretaria e setor administrativo. É dona professora ou senhora diretora. E servente, pra fazer sopa e varrer o chão. Mas essas eles devem levar pra algum pronto-socorro municipal.

E esse sol rodando? A ambulância fazendo volta, tentando escapar dos carros parados. Tem que ser. Que eu saiba, o sol só dançou na Bíblia e em Fátima, e tonta eu não estou. Nem zonza. E tem diferença? Tem, muita. A Linda, por exemplo, é uma tonta, mas nunca fica zonza, nem quando toma uns goles de vinho doce pra paquerar baiano no Largo da Batata.

— Que vinho ruim, Linda!

— Vinho ruim é que dá coragem.

Que horror! Fui uma vez só, e arrastada. Viúva com viúva dando bandeira pra baiano em mesa de bar... Tem dó! Nunca mais. Mas ela quando quer é o cão, não sossega, faz de tudo pra me arrastar e eu acabo indo. E hoje era pra ser mais um, não? Já chegou na escola com aquele decote de festa e com a rachinha do busto dando “oi, o que foi?” pra quem quisesse ver. E a bolsa, então? Com tanto batom que ela nem conseguia escolher.

— Qual que eu passo, Dorô?

— Uai, tem baile?

— Onde eu chego é baile, *darling*. Mas qual que eu passo?

A Linda não tem jeito. Não sei por que ela me pergunta e nem por que eu ainda respondo, porque se eu digo marrom ela passa o vermelho, e se eu falo cor-de-rosa ela passa qualquer um, até o roxo puxando pra azul, menos o cor-de-rosa. Mas faz bem a danada, me adivinha, porque eu escolho sempre o mais feio, só de pirraça.

— Passa o marrom.

— Mas qual? Mocha, terracota, siena...

— Não sei... tanto faz... marrom.

— Marrom coisa nenhuma. Manifestação não é velório. Manifestação de greve, ainda por cima, tem que ser vermelho, vermelho *spice*. Ó que brilho!

— Pois se eu fosse você passava o marrom.

— Pois então finge que é, passa o marrom e vem comigo.

Não passo nada. Vê lá se eu tenho idade pra correr atrás de rapazinho de sindicato? Sei que é isso o que ela quer, dar bola pros barbudinhos. Não gosto dessa gente. Rapaz novo mexendo com sindicato é mau sinal, manha de quem nem entrou na vida direito e já quer moleza. E homem maduro não presta. Pior: não existe. Homem passa de verde a podre sem que a gente veja. Num dia é menino e no outro, mofino. Só mãe de homem acha que homem presta, e eu não pari nenhum. Ninguém. Vai você, que é moça, que ainda não fez cinquenta, mas não me leve não, nem no bolso. Comigo não, violão! Eu vou, mas é pra casa, tomar banho de banheira, folhear revista de gente famosa e ver novela turca. Uma moça mais olhuda que a outra, uma beleza. Isso sim. E não adianta dizer pra eu deixar de ser chata, que idade é bobagem, que o que eles querem eu também tenho, como qualquer outra. E nem comece a cantar aquela moda da panela velha que faz comida boa. É? Só no dia em que arroz queimado for quitute. Ou galinha dura virar patê de peru. Daí sim. Daí eu sou. Daí eu vou. Antes, não.

Mas não? E quem pode com a Linda? Quem aguenta aquela manha de passar batom sem parar de falar um segundo, nem pra me empurrar com a mão esquerda a porcaria do outro?

— Anda, se sacode, passa logo que o pessoal já deve estar subindo pra Paulista.

Que remédio? Melhor me sacudir e esticar o braço antes que ela recomece a falação de sempre. Foi só por isso que eu peguei o batom. E um marrom tão feio... Deus que me perdoe, mas tão cor de cocô que era capaz até de feder. Nisso ela tinha razão, bom mesmo era o vermelho. Até o roxo puxando pra azul. Manifestação, não é? Em Roma, como os romanos. Mas era tarde, eu falei pra ela botar esse, que era o mais bonito, e eu sou tihosa, não volto atrás pra nada, nem pra descer de ônibus errado. É, não tem volta, vai o marrom mesmo, paciência. Não tem importância. No final das contas, eu vou só pra não deixar que ela se meta em encrenca, porque ela é mestra em fazer de qualquer chão ordeiro um picadeiro de circo, um alpendre de zona. E o marrom não é tão mau, tem suas vantagens. Cor sisuda, não deixa a gente com boca nem de palhaço nem de puta. Mas neste mundo virado, que diferença faz? É tanto adulto de bermuda caindo bunda abaixo, tanto cantor velho de topete alto e voz de marrequinho que nem sei. E também não é só a cor que faz a boca do palhaço, ainda tem o contorno, o desenho próprio dela. É isso, qualquer que seja a cor, a manteiga do batom não pode extravasar o contorno da boca, senão vira bocarra de palhaço, boa pra espantar criança e pra jogar bolinha de papel, como a desses lixos de parada de ônibus. E eu devia estar ficando assim mesmo, porque a Linda parou de esticar os cílios só pra me corrigir.

— Passa isso direito, mulher! Olha aí o lado esquerdo todo borrado! Não tá enxergando? Toma, usa o meu espelho.

Eu uso, Linda, dá cá, não precisa gritar. Só não esquece que isso é espelhinho de feira, perfeito pra essa sua cabecinha de ovo, mas miúdo demais pra uma cabeçorra de jaca como a minha. Eu aceito,

eu admito a chanca de cabeça que o sangue português me legou, a mim e a cada um dos Fonseca, sina que é nossa e que nos pesa de cima pra baixo. Deve ser por isso que o derrame faz festa com a gente, por ter aí em cima do pescoço um salão de baile dos bons, não é não? Redondo, rotundo. Mas deixa pra lá, dá cá o espelhinho que eu me viro. É só o lado esquerdo que parece não caber na moldurinha cor de abóbora, o resto vai bem. O direito está bom, não vê? O direito direito, e não precisa rir disso, que não é piada, não foi. E mais ajuda quem menos atrapalha. Então não fique caçoando das mexidas esquisitas que eu dou pra ver se enfio a metade esquerda da cabeça no canto direito do espelhinho. Você faria melhor se fosse ver quem é o mofento que não para de puxar a folha esquerda da cortina pra jogar sombra em cima de mim. Não vai? Ninguém? Como não? E esse escuro de banda? Eclipse não pode ser, porque a gente só vê eclipse do sol uma vez na vida, e eu vi o meu em novembro de 1994, comendo mandiopan e xingando a mãe do Itamar Franco. Também não vi passarinho desgovernado voltando pro ninho, como vi daquela vez, nem tive meu braço todo pinicado de formiga, como tenho agora. De onde estão saindo? Praga! Me acode, Linda!

Tentei sacudir o braço e me livrar das formigas, mas já não tive forças. Vi pelo espanto da Linda que a coisa devia ser séria, porque ela arregalou os olhos e deixou cair no chão o rímel caro que ela comprou na Ikesaki. Eu quis perguntar o que era, mas, antes que a minha boca obedecesse, a escola inteira rodopiou no ar feito a casa da menina Dorothy e deu com o chão bem no meio da minha cara.

### *STRIKE*

Agora parou de vez, não tem são Brás pra frente nem são Ré pra trás. Não vai. De carro e de ônibus até dá pra desviar, mas de uma massa dessas não tem jeito. Angu de gente, mole e grudento, bom pra entupir caixa de gordura e sifão de privada. E rua de todo tipo, da vielinha mais capilar à rodovia mais cava. E justo quando a avenida tinha ficado mais larga. Mundo sem lógica... Mas já é a Paulista? Parece.

Esse desperdício de vidro... Diz que a Berrini é ainda pior. Não sei, nunca fui lá. Nem vou. Pegar trem, Deus me livre! Quando não é cor sem forma, é forma sem cor. E aquilo ali? Outro shopping feio, outra caixa de sapato. Não tem mais arquiteto neste mundo? Nenhum que preste, pelo visto. O povo vai pra USP pra estudar o quê? Nada. Fazer arruaça, bebedeira. E sair pior do que entrou, pronto pra usar gravatinha de festa e moldar cimento em caixa de sapato.

Ah, é a Paulista sim! Aí o Santa Catarina, onde o marido da Linda ouviu do médico que era câncer mesmo, sem jeito nenhum mais. *Três semanas, senhora*. E foi bem isso, três semanas contadas na folhinha, o tempo de botar o plano funerário em dia. Acerta esse carnê, Linda, eu avisei. Na hora ela não gostou, me mandou à berdamerda, mas depois me agradeceu. Morrer custa caro, mais caro que viver. Se der bobeira, metem a mão no bolso do morto e no cangote da viúva. Não deram em cima de mim porque eu armei um bico bruto e me vesti de feia, como deve ser. A Linda não escapou e quem vê o assanhamento em que ela vive pensa até que ela achou bom. E vai ver achou mesmo, porque o traste bebia, era uma pedra pontuda no meio do caminho. E o meu não era? Mais até. Outro que foi embora cedo e sem deixar saudade. Vinte e oito anos incompletos, idade boa pra se espatifar de carro na traseira de um tróibus. Eu chorei na medida certa, o suficiente pra encher um dedal, nem mais nem menos. O inverno vem, é verdade, mas bolsa de água quente existe pra isso mesmo, pra acalantar os pés sem trazer cheiro de mulher estranha pra dentro de casa.

— Dona Doroteia, a senhora entenda... como delegado... tenho obrigação de lhe dizer. Seu marido... ele não estava sozinho naquele carro. Não digo que fossem amantes, isso não. Mulher de frete, entende? Dessas que a gente... dessas que ficam ali na rua dos Andradas... que chamam quando a gente passa. Bem, a senhora me entende.

Sim, seu delegado, eu entendo, elas chamam e vocês correm pra roer o toquinho de queijo espetado na ratoeira, não é isso? Beliscar uma coxa, apalpar uma nádega, dar corda à nojeira toda, não é? Eu sei, é assim, paciência. Pedra também, não é? Pois é, uns têm cruz nas

costas, outros têm pedra no caminho, como a daquele poeta velho e calvo, como convém. Pedra é isso, cada qual com a sua. A do meu marido, além de mim, era uma na uretra, inventada pra não ter que me procurar à noite. Entende, seu delegado? Agora quem pergunta sou eu, sem gaguejar nem esperar resposta: entende? Não, quem entendeu mesmo foi aquele trólebus, que descansa hoje na paz de Deus, se existe um deus para eles.

Mas a greve pegou mesmo, tudo parado. Greve é *stroke* também, não é? Faz sentido. Caminho fechado é tudo igual, na rua ou na poesia. Ou na cachola: *stroke*. Língua boa o inglês, não serve só pra torturar menino não. Econômica, com umas palavrinhas miúdas que valem por duas, por dez, pro que a gente quiser. *Got. It. Got it*. E pra greve tanto faz, já nem precisam de palavra nenhuma. Povo evoluído, largou mão dessa história de greve faz tempo. Acho que americano também. Imagina o Mickey segurando cartaz? O Pato Donald dando pito em governo? Não, não faz. Lá o que vinga é a ordem, o progresso. Isso de greve é marola pros franceses, pra brasileira.

O diabo é que com a rua fechada desse jeito não passa nada, nem carro nem tempo. Esse aparelhinho da ambulância prende a atenção da gente, mas não é TV, cansa a paciência com essa bolinha que só sabe pular e fazer bip-bip. Se o rapaz me ajudasse a virar um pouco mais pra esquerda, poderia me distrair com a vista do outro lado. O que é diferente pode passar por novo, se visto de banda. Será que ele me ajuda se eu fizer tenção de me erguer um pouco mais? Não vai achar ruim? Não, parece até que gostou, outro sinal de que vou melhorando e de que ele vai poder almoçar antes das duas, se a greve deixar. Aprende isso, moço, o outro lado é fim pra uns e começo pra outros, depende de como a gente olha. Filosofia, não é não?

Não disse? Ali o Rodrigues Alves, onde eu cumpri minha primeira designação em São Paulo. Naquela época tudo era muito mais fácil, a gente já começava em escola boa, com condução na porta, não tinha que ir pra longe. Hoje, pegam mocinha nova de tudo e mandam pro Jardim Miriam, pra Cidade Ademar. Em menos de mês

já estão perdendo cabelo e tomando remédio pra depressão. Antes, a gente já começava num Duque de Caxias, num Marechal Floriano. Eu, que não sou de guerra, fui pro Rodrigues Alves. A diretora me achou sonsa e eu me fiz de sonsa e meia pra ouvir a inspetora sussurrando no ouvido dela que eu era “aquela fraca de Minas, não dá Português pra ela que não vai prestar. A alunada, a senhora sabe como é, vai ficar corrigindo o tempo todo. É, vou dar o Inglês. Com Inglês não corre esse risco, dá até menos trabalho, não tem composição pra corrigir”.

— A senhora pega o Inglês, então. Está bom?

— Bom demais, agradecida.

Agradecida e desesperada. Toquei logo foi pra uma agência da Telesp e gastei tudo o que tinha em ficha de interurbano pra ligar pra Carminha, que riu da minha cara.

— Uai, e não é bom? Inglês está na moda e dá muito menos trabalho, não tem composição pra corrigir. Não sabe não?

— Mas, Carminha, eu só tive dois meses de inglês na Escola Normal, e o professor era aquele padre gago que falava e escrevia *ingrês* com R!

— E daí?

— E daí que eu não sei nada de inglês, Carminha!

— Nem você nem ninguém, boba. É só repetir *dis is a flauer, déti is a réti* e pronto.

E assim foi, assim fiz e me fiz, doze anos de *réti*s cheios de *flauer*s, que variar não é comigo. Até aparecer aquela pestinha, aquela filha de inconha com pai americano. Miudinha, bonitinha, olhinho de botão de boneca. E debochada. Era de mim que ela ria, eu sei que era, com aquela carinha lambida de *nou, titcher, dis is nóti a flauer e déti is nóti a réti*. E, quanto mais eu caprichava na pronúncia, mais ela ria, abanando de um lado pro outro a cabecinha de alfinete. Peste! *Devil!* O pai vendendo *hot dog* no sol da praça da Bandeira, passando de cor-de-rosa a trigueiro, ficando mais escuro do que eu, e ela achando que podia rir da minha cara! Se fosse na roça, eu te curava cochando

uma orelha pra cada lado! Mas não era. Quem estava na roça era a Carminha, pra me tirar de mais esse sufoco. Não contei a história toda, falei só que andava cansada, azucrinada demais com a falação dos alunos, com aquele *dis is a flauer* o tempo todo. Ela não sabia de tudo? Que me tirasse dessa. E tirou mesmo.

— Você parece que nasceu ontem, Doroteia. Arranja uma alergia a giz que eles te transferem pra secretaria.

— Arranjar?

— Vai espirrando, tossindo, revirando os olhos. Arranjar, entendeu?

Entendi, arranjei. Pegava no giz e espirrava, pegava e espirrava. E tossia. E fui botando um atestado atrás do outro até a diretora se cansar.

— Olha, dona Doroteia, tem vaga na secretaria da Gomes Cardim. Se estiver bom pra senhora, a gente arranja.

— Bom demais, agradecida.

Dessa vez sim, bom demais mesmo, calmaria de mar morto, *cuáieti si*. Tirando a correria de organizar o 7 de Setembro, era só a pasmaceira boa de passar o dia procurando nada e coisa nenhuma no *Diário Oficial*, às vezes até com revista dentro dele. Depois veio a Linda, transferida da Caetano de Campos.

— Oi, a senhora é que é a dona Doroteia?

— Doroteia.

— Se não faz questão nem de dona nem de senhora, vou chamar de Dorô. Posso?

— A senhorita veio do inglês também?

— Que inglês... Eles me botaram em Moral e Cívica, mas não prestou porque eu fumo e masco chicletes. E eu não sou senhorita.

A Linda. Tenho é que avistar aquela lambida no meio da confusão. Difícil, gente demais. O segredo é achar o carro de som. É perto dele que ela gosta de ficar, botando banca pra quem estiver segurando o microfone. Bobagem. Quem fala demais faz de menos, regra do mundo. Ela não sabe disso? É assanhada e não sabe. Ah, ali! É sempre

assim, ele vem e o enxame em roda dele fica ouriçado. Em greve, carro de som manda mais que ambulância. Só ele passa. Ou nem isso, fica parado mesmo, plantado no asfalto enquanto os barbudinhos deitam falação. E é tanta sirigaita de cigarro aceso que dá pra pensar que mão esquerda de mulher foi feita pra isso mesmo, pra segurar cigarro em manifestação e fazer papel de Eva maluca pros barbudinhos.

— Tem que fumar e ter cigarro à mão pra dividir com os bofes, Dorô. Bofe não, camarada. E nem precisa ser cigarro de marca, qualquer mata-rato paraguaio já serve. Mas em greve a concorrência é grande e eu levo logo um maço de Lucky Strike. Sabe como é, né, Dorô... eu bem que me garanto, mas um golpezinho de sorte não faz mal a ninguém.

É, Linda, você chupando seu golpe de sorte com esse vermelho *spice* e eu com essa boca cor de bosta... Cor de porta. Cor que nem carece de nome. Foi até bom ter me dado esse troço, me safei de ficar parada e mole do lado dela feito caixa de papelão esquecida na chuva. Mas não é ela ali? Está parecendo. Vai, boca, trabalha um pouco, chama com força... não, não adianta, sem voz de tudo. Você então, moço, você pode, grita ela pra mim, moço! Ali, a oferecida, a de decote em V e ombro pelado, e calça de... não. Peraí. De calça não pode ser ela. E o batom não bate. Vermelho também, mas fosco, sem *spice* nenhum. Não é. Larga a mão, moço, deixa pra lá. Não, nem podia ser. A minha Linda não. Ela está mesmo é nas Clínicas, esperando esse encosto que eu sou pra ela. Ela é que deve ter chamado a ambulância, não vê? Deve estar lá de sentinela, respirando clorofórmio e suor dos outros por minha causa. Mandeí o baile dela pras cucuias. Eu vivo fazendo isso, azedando o leite, gelando a fervura dela, que é tão boa pra mim. Não larga do meu pé nem quando chego na escola escumando o que não presta. Eu também sou boa, mas às vezes durmo com o fígado virado pra lua e o fel se esparrama corpo abaixo. Na Achiropita foi assim. Eu dormi tão torta e acordei tão amarga que desfiz até do nome dela na frente dos outros.

— Seu nome é Linda mesmo ou isso é só onda pra pegar rapaz?

— Nome, mulher! Era pra ser Hermelinda, com H e tudo, mas eu era uma criança tão lindinha que ficou sendo só Linda mesmo.

— Gozado... Eu andei arrumando as fichas lá na escola e tive a impressão de que na sua estava escrito Matilde Aparecida da Silva. Só pode ser engano, porque uma criatura com esse nome não tem como ser linda nem no rabricó da certidão.

Coitada. Ela chorou tanto que eu tive de ir buscar um algodão doce pra ela. Eu tentei esfolar meu remorso assistindo missa de joo-lho, sem almofadinha nem nada, mas não bastou. O que me valeu mesmo foi chegar na escola e usar qualquer mosquito como desculpa pra chamar ela de Linda na frente dos outros. Aí o mosquito, Linda, que tamanho... toca ele, Linda. Linda, a minha Linda.

Mas os barbudinhos não estão pra brincadeira. O serviço deles é esse, não é? Parar tudo? Já já vão botar fogo em pneu, como se aqui fosse boca de favela. É, não vai, a ambulância não anda, pedra no caminho também.

— Mas, gente, isso é poesia ou é piada?

— É os dois, Doroteia, poesia e piada. É moderno.

— E foi esse velhinho mesmo que escreveu?

— Foi, quando era jovem.

— Ah, bom! E tem mais desses?

— Tem esse, ó, pra você que é do inglês:

*Stop.*

*A vida parou*

*ou foi o automóvel?*

— Ô bobeira!

— Tem que interpretar, Doroteia. A pedra, o automóvel, a vida... tem que interpretar, entende?

Interpretar bobeira? Só se for isso, porque qualquer menino ranhento sabe pra que que pedra serve sem ter que saber o que que ela é. Quebrar vidraça e cabeça, por exemplo. Ou atravancar o

caminho. E nesse caso não tem jeito, um dos dois tem que explodir, a pedra ou o caminho. É, Seu Zé, com os Fonseca é assim, não tem estrada fechada nem calha entupida. Caminho fechado a gente força até ele explodir. Feito veia velha. Falta mesmo é alguém vir fazer isso aqui, deixar a ambulância passar, ir embora, livrinha, pra Linda poder puxar a minha orelha e eu a dela, como só amigas fazem. Vamos embora, Linda, você fuma seu Lucky Strike no Bixiga mesmo... Eu vou, Dorô, eu vou...

E a polícia não vem? Não digo pra bater muito, não gosto que judiem de ninguém, só mesmo pra arredar um bocadinho, o suficiente pra ambulância passar e acabar logo com isso. Não é preciso que venha feito bola de boliche pra fazer *strike* dessa gente, um *strike* de sorte, Lucky Strike. Mas, gente, espera aí... Greve não é *stroke* não, é *strike*! Feito o cigarro da Linda! Feito o *strike* do boliche. Fazer um *strike*. Eu já ia misturando as coisas. Mas, também, palavras tão parecidas, no som e na coisa, a cabaça e a cuia. Mas o que é que isso muda? Muda tudo, Doroteia de Deus! Se greve é *strike* e *strike* é bater, pode ser isso mesmo, esparramar todo mundo, feito o que a bola faz com as garrafinhas, abrir esse caminho na marra, no *strike*. Não é não? Duro com duro não faz bom muro, mas o caso aqui é de esburacar mesmo, de quebrar pedra, não deixar tijolo sobre tijolo.

Mas, pensando bem, derrame até podia ser *strike*, porque, no final das contas, não passa disso mesmo, de uma veiazinha preguiçosa que decidiu parar de trabalhar e que acaba explodindo com a multidão que quer passar por ela. E greve podia ser *stroke*, porque, se tem ato na rua, com os barbudinhos entupindo tudo, logo, logo vem a polícia e é um derrame de gente pra tudo que é lado. Gente igual formiga. Não são elas aqui de novo, e com esse gosto estranho de me pinicar só do lado esquerdo? Mas de onde é que saem, meu Deus? Tantas, mais que antes. Devem ter socorrido algum diabético e ele não aguentou, urinou por aqui mesmo. Mas eles não limpam? Limpam. Esse cheiro de desinfetante médico não engana. Eu é que devo ter trazido essas formigas lá da escola. Minúsculas, ninguém vê. Decerto esbarrei em

alguma baba de pirulito. É possível. Criançada porca, cachorrada sem costume. Esbarrei com o braço esquerdo, é isso. Braço e perna? E olho? Isso não é só vista embaçada não. Enfarto faz a vista da gente sumir desse jeito? De uma banda só? Deus do céu, isso é *stroke*, não é *strike* nenhum não! Diligência e disciplina. Doze caveiras sérias na carneira dos Fonseca. Tem lugar pra mais uma? Tem, se eu rezar dez ave-marias emendadas. É isso. Vem comigo, Linda, apaga esse cigarro, esquece os barbudinhos. Hoje tem baile, mas é na minha cachola e no salão do senhor São Pedro. Reza comigo uma ave-maria que eu mesma inventei. Ela começa em Cachoeira da Barra e termina assim:

*Stop.*

*A vida parou*

*ou foi a ambulância?*



Júlio Machado (Júlio Cesar Machado de Paula) nasceu em Pouso Alegre (MG) e reside em Niterói (RJ). É professor de Literaturas Africanas na UFF. Em poesia, recebeu os prêmios Festival de Literatura Universitário (Xerox/Livro Aberto, 1997) e 12º Nascente USP (2002) e publicou *O itinerário dos óleos* (Cone Sul, 1997), *O quintal e o mundo* (Kazuá, 2016) e *Lagar de fala* (Urutau, 2022; semifinalista do Prêmio Oceanos 2023). Como dramaturgo, escreveu *A profecia* (1998) e *Luzia* (2007). *Autocombustão humana* é seu primeiro livro de contos.

Os contos de *Autocombustão humana* reúnem personagens inusitadas em vias de dissolução, seja pelo fogo, seja pelo tempo: um casal falhado atravessando o sertão; um escritor cretino premiado em Cuba; uma avaliadora olfativa abordada por um sedevacantista; um estudante de medicina mutilado por ciganos; um monge perdido por um dedetizador; uma senhora memoriosa à entrada de um cemitério; um caçador de morcegos que agoniza; os debatedores de uma sociedade pseudocientífica; uma professora que delira numa ambulância.



**EDUFES**

